

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ISABEL ALEXANDRA WELZEL

**CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
ANÁLISE DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS DE DUAS REDES MUNICIPAIS DE ENSINO**

São Leopoldo, RS

2018

ISABEL ALEXANDRA WELZEL

**CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
ANÁLISE DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS DE DUAS REDES MUNICIPAIS DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof. Dra. Viviane Klaus

São Leopoldo, RS

2018

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais, que desde a minha infância sempre me incentivaram a estudar e a ir em busca de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pois Ele é a força que me conduz em busca de meus objetivos e a não desistir diante de minhas fraquezas. E, com certeza, deu-me impulso para chegar até o fim dessa graduação, que foi muito almejada por mim desde a infância.

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para me ajudar sempre que preciso, por terem me incentivado desde sempre a estudar e a não desistir de meus sonhos, apesar das dificuldades. Minha gratidão e amor todo a vocês!

Ao meu irmão, que mesmo sendo mais novo, sempre esteve ao meu lado, principalmente, nessa etapa final, na qual me auxiliou diversas vezes na escrita deste Trabalho de Conclusão, mesmo com seu olhar leigo a respeito do assunto.

Ao meu esposo, que acompanhou toda essa trajetória da Graduação, obrigada por sempre me ajudar quando possível e pelas palavras de entusiasmo, toda vez que o cansaço e o desânimo tomavam conta.

À minha amiga Julia, companheira de muitas aulas, de idas e vindas da Unisinos, de trabalho e também de vida, obrigada por dividir esses momentos comigo e pelas infinitas trocas de experiências e aprendizados, pensando sempre no melhor para os nossos pequenos.

À minha amiga Débora, que acompanhou e fez parte da reta final dessa trajetória acadêmica e que se tornou muito importante em minha vida, obrigada por cada palavra de apoio e pelas trocas de saberes, que buscam sempre o melhor para as nossas crianças. Obrigada, também, pelo auxílio na realização deste Trabalho de Conclusão e por todas as contribuições que foram importantes.

Um agradecimento a todos os professores que fizeram parte de minha vida acadêmica, que contribuíram para que eu pudesse ter novas percepções acerca dessa profissão, e também a ter um olhar mais sensível em relação às crianças e suas reais necessidades. Em especial à professora Viviane Klaus, ser sua orientanda foi uma oportunidade que tive, obrigada por me acolher tão bem, pela ajuda sempre fornecida quando necessário e por me acalmar sempre com sua tranquilidade, não medindo esforços para que eu pudesse evoluir em minhas aprendizagens.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar as concepções de educação e de docência, que balizaram a construção das propostas pedagógicas da Educação Infantil de duas Redes Municipais de Ensino, e, ainda de que modo os profissionais da educação destas Redes dialogam com tais concepções. Para tal, foi realizada uma análise documental dos PPPs das escolas das duas redes, entrevistas com responsáveis das Secretarias de Educação e coordenadoras pedagógicas das instituições de Ensino e aplicação de questionários, que foram respondidos pelas docentes das escolas. A partir dos dados coletados em conjuntura à questão norteadora da pesquisa, duas categorias de análise foram criadas, para que pudesse se pensar a respeito destes temas, sendo eles: (I) Concepções de educação e propostas pedagógicas na Educação Infantil; (II) Concepções de Docência na Educação Infantil. Contudo, pode-se perceber o quanto as propostas pedagógicas voltadas à Educação Infantil são recentes em ambas as cidades, com isso, precisam ser revistas, na intenção de que esta etapa da Educação continue progredindo, juntamente com a reflexão dos docentes que constituem estas Redes de Ensino. As discussões realizadas no referencial teórico sobre a profissão professor na Educação Infantil, o histórico da área e a necessidade de investimento na EI enquanto primeira etapa da Educação Básica, foram fundamentais no processo de qualificação das análises.

Palavras-chave: Propostas Pedagógicas. Educação Infantil. Docência.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EMEI	Escola de Educação Infantil
PPP	Projeto Político Pedagógico
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Formação Acadêmica dos professores de São José do Hortêncio.....	17
Tabela 2 - Formação dos professores de Lindolfo Collor	19

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de São José do Hortêncio.....	15
Figura 2 - Mapa de Lindolfo Collor	18
Figura 3 – EMEI Gente Miúda.....	21
Figura 4 - EMEI Paraíso dos Baixinhos	22
Figura 5 - EMEI Pequeno Polegar.....	22
Figura 6 - EMEI Sonho meu.....	23

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1. SOBRE A PESQUISA.....	11
1.1 POR QUE ESTE TEMA?	11
1.2 SOBRE AS REDES MUNICIPAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	15
1.2.1 São José Do Hortêncio.....	15
1.2.2 Lindolfo Collor.....	17
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	21
2.1 CONTEXTO DO ESTUDO	21
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3. TORNAR-SE PROFESSOR?.....	28
3.1 ESCOLHA PELA PROFISSÃO PROFESSOR.....	28
3.2 DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
4. REFLEXÕES INICIAIS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	33
4.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	33
4.2 EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIRA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	35
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	38
5.1 CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	38
5.2 CONCEPÇÕES DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em cinco capítulos que estão articulados. O primeiro capítulo intitulado “Sobre a pesquisa” foi dividido em duas seções. Na primeira seção, relato a minha trajetória profissional e acadêmica, apresentando as motivações que me levaram ao tema a ser pesquisado, tendo como problema de pesquisa: “Que concepções de educação e de docência balizaram a construção das propostas pedagógicas da Educação Infantil de duas Redes Municipais de Ensino? De que modo os profissionais da educação destas Redes dialogam com tais concepções? ”. Na segunda seção, apresento brevemente os municípios participantes da pesquisa, assim como a história da Educação Infantil destas cidades.

O segundo capítulo intitulado “Caminhos Metodológicos” é apresentado em duas seções, onde na primeira disserto a respeito do contexto do estudo, contextualizando as Instituições participantes do trabalho. Na segunda, apresento os seguintes procedimentos metodológicos: análise documental, entrevistas e questionários.

O terceiro capítulo intitulado “Tornar-se professor?”, aborda duas questões referentes à docência: Escolha pela Profissão Professor e Docência na Educação Infantil, tendo estudos de Gatti (2009) como principal referência.

O quarto capítulo denominado “Reflexões iniciais sobre Educação Infantil”, apresenta um breve histórico da Educação Infantil, como também a sua importância na Educação, já que é considerada a primeira Etapa da Educação Básica.

O quinto capítulo intitulado “Análise de dados”, foi dividido em duas seções a partir dos dados coletados durante a pesquisa. Sendo as duas seções as seguintes: “Concepções de Educação e Propostas Pedagógicas na Educação Infantil” e “Concepções de Docência na Educação Infantil”. A partir das informações obtidas, realizei uma reflexão a respeito, relacionando com o que já vinha sendo discutido no decorrer do trabalho.

Nas Considerações Finais faço uma retomada sobre o que foi discutido no decorrer do trabalho, trazendo também considerações sobre todo este processo vivido por mim.

1. SOBRE A PESQUISA

1.1 POR QUE ESTE TEMA?

Desde a minha infância pensava em seguir a carreira docente, pois sempre via os professores como pessoas importantes, com isso, desejava ser como eles. Na conclusão do Ensino Fundamental, optei pelo Curso Normal em Nível Médio (magistério), como uma maneira de analisar se realmente era essa a profissão na qual eu iria seguir. Ao concluir o Ensino Médio, algumas dúvidas surgiram, principalmente se eu realmente desejava seguir na carreira docente.

Pensei em alternativas, porém, ser professora sempre esteve à frente das possibilidades, foi então que decidi cursar uma licenciatura, outra dúvida surgiu novamente: Letras Português ou Pedagogia? A partir de minha experiência no Ensino Médio, concluí que a Pedagogia me interessava mais, de modo que acabei optando por seguir essa carreira.

Dessa forma, em 2012 iniciei meus estudos no Ensino Superior no curso de Pedagogia, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Com minha entrada na instituição, minhas concepções sobre a educação, principalmente sobre a Educação Infantil, com a qual trabalho, foram sendo modificadas e fui transformando-as a partir das novas aprendizagens.

Na mesma época em que iniciei meus estudos, também concluí meu estágio do magistério, então, com o diploma em mãos, pude prestar concurso público para atuar como professora de Educação Infantil. Ao iniciar a vida profissional, ainda durante meu estágio do Ensino Médio, fui tendo como exemplo algumas práticas presentes na escola. A partir disso, acabei aderindo a alguns desses métodos, por pensar, naquele momento, que eram interessantes e porque tinha muitas dúvidas acerca das práticas pedagógicas. Acreditava que aprenderia a “ser professora” apenas com os saberes da experiência, observando como outros professores agiam. É claro que os saberes da experiência são importantes, mas conforme discute Pimenta (1999, p.26), “a formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica”.

Refletindo acerca do que Pimenta nos apresenta, percebo que minha formação passou e tem passado ainda pelos diferentes tipos de saberes, e, a partir de meus estudos, pude aprimorar meus conhecimentos, como também ter outras visões sobre a minha prática

docente, repensando e, então, reconstruindo permanentemente o meu fazer pedagógico (a partir dos três saberes mencionados anteriormente).

Ao ingressar no curso de Pedagogia e em disciplinas mais voltadas à Educação Infantil, que desde o início foi a área com a qual mais me identifiquei, por vezes acreditei que na prática a teoria nem sempre fazia sentido, devido ao meu pouco conhecimento na área. Aos poucos, fui compreendendo que o binômio teoria/prática era indissociável, como discute Veiga-Neto (2015, p.115):

Quantas vezes já ouvimos manifestações críticas e desconfiadas tais como: “na prática, a teoria é outra”; “essas discussões teóricas nada — ou quase nada — têm a ver com a prática”; “que se ganha, na prática, com tantas teorias?”; “o que interessa mesmo é a prática”; “quero só ver se todo esse blá-blá-blá teórico vai mesmo funcionar na prática”; e, nos casos mais agudos, de um lado “a prática não interessa” e, de outro lado “a teoria não interessa”. De certa maneira, tais manifestações refletem uma concepção bastante tradicional acerca da prática e, ao mesmo tempo, uma falta de confiança nos (assim chamados) “saberes acadêmicos” e suas formulações teóricas.

Um exemplo que pode ser usado em relação ao que diz Veiga-Neto (2015), remete à hora da alimentação dos bebês. Inicialmente, até mesmo por uma concepção dos ensinamentos de minha mãe, eu acreditava que os pequenos não poderiam comer com as mãos, já que o “correto”, imposto pela sociedade, é usar talheres. Todavia, esse aspecto ao ser trabalhado em sala de aula durante o curso, despertou em mim uma inquietação e comecei a realizar pesquisas para compreender melhor o assunto. A partir de então, considerei os aportes teóricos que estudei e assim, aos poucos, fui mudando minhas práticas a partir dos estudos realizados (indissociabilidade teoria/prática). Essa atitude de repensar as práticas pedagógicas desenvolvidas, muitas vezes, não acontece na escola, pois muitas atividades acabam por se naturalizar e fazer parte da famosa “rotina” da Educação Infantil.

Um exemplo nítido é o uso dos carimbos de mão, tão famosos na Educação Infantil, com o qual o (a) professor (a) pinta a mão da criança com tinta, carimba em uma folha e logo em seguida limpa para que não ocorram sujeiras maiores, assim não há a possibilidade de manusear o material. Inicialmente, assim como muitas de minhas colegas, eu considerava maravilhoso os trabalhos com esses carimbos, porém, ao realizar estudos sobre o desenvolvimento das crianças e sobre a importância de proporcionar momentos de experiências, fui percebendo que existiam outras possibilidades que propiciariam a construção de experiências mais significativas com os pequenos. Aos poucos, fui pensando em outras alternativas, com apoio dos textos lidos em aula ou em por meio de pesquisas realizadas além dos ambientes de aprendizagens.

No entanto, propor um momento de exploração livre com tinta é muito mais trabalhoso do que pintar rapidamente a mão da criança, carimbar na folha e logo limpar para não sujar o restante do corpo. Porém, com isso a experiência pode acabar sendo nula, sem que muitos docentes nem percebam isso, pois a aprendizagem significativa acontece a partir do manuseio e das descobertas.

É preciso ir além do “produto final”, pois com esse automatismo, as crianças acabam perdendo momentos que poderiam ser de grandes experiências, afinal “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA, 2002, p.21). Para que a experiência realmente tenha sentido, é preciso nos permitir reinventar as práticas cotidianas e também oferecer essas oportunidades aos docentes.

Com isso, como apontado pelo autor, o homem moderno está sedento de informação, e, por vezes, acaba perdendo tempo tentando torná-lo extremamente produtivo. Porém, as crianças precisam vivenciar os momentos, para que tenham um “tempo de verdade”, no qual possam aproveitar e assim realmente ter experiências que lhes cativam.

Contudo, para isso, é importante que os docentes desnaturalizem o que tem sido tomado como natural, pois venho percebendo, principalmente, em meus espaços de trabalho, que o automatismo está muito presente e afrente de situações que poderiam proporcionar momentos de grandes aprendizagens aos alunos. Essa questão tem me incomodado diariamente, pois acredito em uma Educação Infantil que possa oferecer experiências significativas. Afinal, “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (LARROSA, 2002, p. 21).

A partir dessa reflexão do autor, é possível pensar sobre a prática presente nas instituições de ensino, será que permitimos às crianças que as coisas que passam por elas, possam fazer parte de suas experiências ou acabamos por automatizar isso?

A experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho. Esse ponto me parece importante porque às vezes se confunde experiência com trabalho. Existe um clichê segundo o qual nos livros e nos centros de ensino se aprende a teoria, o saber que vem dos livros e das palavras, e no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática, como se diz atualmente. (LARROSA, 2002, p. 23).

Com isso, percebemos que ao contrário do que muitos dizem a experiência não acontece quando estamos imersos no trabalho e automatizamos na ação, afinal, nesse espaço, muitas vezes, estamos em busca de resultados, de conquistas, de querer sempre mais e assim, não paramos para que a experiência nos toque consideravelmente. Apenas agimos, sem parar

para pensar e como já citado acima, assim, apenas as coisas passam, acontecem e acabam não nos tocando. E para que ocorra a possibilidade de que algo nos aconteça,

requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Dessa forma, é importante parar e refletir sobre o que está acontecendo em nossa volta. Afinal, não basta apenas a prática pela prática, é preciso ir além dela, ainda mais na Educação Infantil, que tem uma história recente em nosso país, em que aos poucos vem ganhando espaço e um reconhecimento maior. Se eu me basear apenas em meu “achismo”, essa valorização que se busca na área da Educação talvez não aconteça, pois esta minha prática precisa estar fundamentada em aportes teóricos, e não apenas em rotinas pré-estabelecidas (que também se sustentam em outros aportes teóricos e fazem parte do histórico de um modo de proceder na área da Educação Infantil ou da instituição propriamente dita).

Portanto, a partir das questões levantadas até então, surgiu o interesse em pesquisar acerca das concepções que balizaram a construção das propostas pedagógicas de escolas de Educação Infantil e como os profissionais das Redes dialogam com tais compreensões, dos municípios de Lindolfo Collor e São José do Hortêncio, situados no Rio Grande do Sul.

A pesquisa acontecerá, especificamente, com base nestas cidades, nas quais sou professora efetivada, já que foi a partir dessa minha prática, já citada anteriormente, que surgiu o interesse pelo tema.

Afinal, como docentes, precisamos estar em constante reflexão sobre a nossa prática, buscando aprimorar-nos constantemente, pois uma maneira de refletirmos é pesquisando acerca do que nos incomoda, para conhecer melhor e assim passar a compreender também.

A partir desta minha trajetória, cheguei à definição do seguinte problema de pesquisa: “Que concepções de educação e de docência balizaram a construção das propostas pedagógicas da Educação Infantil de duas Redes Municipais de Ensino? De que modo os profissionais da educação destas Redes dialogam com tais concepções?”.

Acredito que conhecendo mais a respeito das concepções de tais propostas, bem como as relações que os docentes estabelecem com elas, possibilitará pensar melhor no futuro, em possibilidades além das existentes, buscando o melhor para a Educação Infantil dos municípios. Muito se fala em melhorar a Educação em âmbito geral, mas essa mudança só irá

acontecer quando começarmos, aos poucos, a partir de nossa realidade por meio de pequenas mudanças diárias. Para se pensar em avanços, é preciso ter conhecimento do já existente e de como esse processo se constituiu, além de saber como os docentes dialogam com essas concepções.

Antes de entrar nas discussões metodológicas – que serão apresentadas no próximo capítulo – situarei as Redes Municipais participantes da pesquisa, que conforme já explicitado, foram escolhidas por serem os locais nos quais eu atuo como professora. Espero que os resultados possam contribuir com a educação dos municípios e também com o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico.

1.2 SOBRE AS REDES MUNICIPAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1.2.1 São José Do Hortêncio

A cidade de São José do Hortêncio fica situada no Vale do Rio Caí, com aproximadamente 4.200 habitantes. O município faz divisa com Linha Nova, Portão, Feliz, São Sebastião do Caí, Lindolfo Collor e Presidente Lucena, como é possível observar na figura apresentada abaixo.

Figura 1 - Mapa de São José do Hortêncio



Fonte: Blogspot São José do Hortêncio

De acordo com os dados do site da prefeitura de São José do Hortêncio (2017, s/p),

o município de São José do Hortêncio valoriza muito os costumes e as tradições dos antepassados. As tradicionais festas de Kerb, bailes, grupos de Danças, Corais e Orquestra são algumas das formas de demonstração desses costumes e tradições.

Grande parte da economia é movida pela produção agrícola, em que tem como destaque o plantio de aipim. Esse alimento impulsiona a tradicional festa que acontece a cada dois anos com descrição de “Festa do Aipim”, na qual produtores e comerciantes da região têm a oportunidade de expor seus produtos, a fim de valorizá-los.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Educação Infantil Sonho Meu, a Educação Infantil passou a ser pensada no município em 1994, com a criação da Lei nº 314 de 25/08/94, no mandato do Prefeito Anibaldo Petry. Todavia, a instituição começou a funcionar apenas no ano seguinte, em uma casa que foi reformada para atender as crianças. Neste espaço não havia pátio, apenas um galpão antigo com uma caixa de areia. Sendo assim, para explorar a área externa iam até o pátio da antiga Escola Paroquial, que ficava situada em frente à escola.

Inicialmente, o atendimento era voltado mais à ideia assistencial, na qual os pais “deixavam seus filhos” para irem trabalhar. Com isso, ao ser fundada, a creche atendia vinte e seis crianças, que eram divididas em duas salas e acompanhadas por três monitoras. Além das monitoras, a instituição contava com uma diretora, duas serventes e uma merendeira.

Em 20 de dezembro de 1996, o prédio novo construído foi inaugurado. No entanto, apenas a partir de janeiro de 1997, o espaço passou a receber as crianças. Até então, a instituição ainda não contava com profissionais com especialização na área da educação, apenas monitoras com Ensino Fundamental completo.

Apenas em 2014 a Educação Infantil no município passou por mudanças, em que foram chamadas oito professoras do concurso realizado no ano anterior. A partir de então, o trabalho com as crianças passou a ter um caráter pedagógico e não apenas assistencialista. Neste mesmo ano, foi inaugurado o prédio modelo Pró-infância¹, para melhor atender as crianças.

Atualmente, no município, há apenas uma escola de Educação Infantil que, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Instituição, atende 120 crianças, de quatro meses a cinco anos de idade. Também conta com nove professoras, dez atendentes, quatro serventes/merendeiras, nove estagiárias pelo CIEE, uma secretária de escola, uma diretora e uma supervisora educacional.

A formação dos docentes que atuam na Rede de Ensino do município, também é um dado importante pertinente à pesquisa, afinal, para poder atuar como docente é necessário ter

¹ Pró Infância é um “Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância), instituído pela Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007”. (FNDE, s/a, s/p).

uma formação específica, relacionada à área de atuação. Portanto, na tabela a seguir, é possível observar a formação acadêmica, respectivamente com a quantidade de profissionais com determinada formação.

Tabela 1 - Formação Acadêmica dos professores de São José do Hortêncio

Formação acadêmica	Nº profissionais
Magistério e Pedagogia	2
Pedagogia e Pós-Graduação	3
Magistério e Pedagogia em andamento	1
Magistério, Ed. Física e Pós-Graduação	2
Pedagogia	1

Fonte: elaborada pela autora (2017)

A partir dos dados acima, é possível observar que todos os profissionais possuem formação específica para atuar na área da Educação Infantil, seja pela formação do Ensino Médio (magistério), ou pelo Ensino Superior (Pedagogia). Além disso, nota-se que a grande maioria tem buscado aperfeiçoamento profissional, indo além da Graduação, em que cinco docentes já possuem também uma Pós-Graduação.

Além da formação profissional que cada docente busca, a Rede de Ensino também oferece, anualmente, quarenta horas de formações continuadas, com temas variados e pensam suas práticas diárias. Desta forma, percebe-se que a Rede de Ensino, assim, como os docentes, estão em busca de aperfeiçoamento profissional.

1.2.2 Lindolfo Collor

Lindolfo Collor, de acordo com o site do município, fica situada no Vale do Rio dos Sinos, mais precisamente a cerca de 60 km de distância da Capital do Estado, Porto Alegre, com aproximadamente 5.700 habitantes. O município faz divisa com Ivoti, São José do Hortêncio, Portão e Presidente Lucena, como é possível observar na imagem abaixo.

Figura 2 - Mapa de Lindolfo Collor



Fonte: Câmara de Vereadores de Lindolfo Collor (2017)

A cidade é considerada o maior produtor mundial de tapetes de couro, de acordo com informações obtidas pelo site da prefeitura. Sendo que a indústria de couro gera centenas de empregos para os habitantes da cidade e arredores.

A educação escolar surgiu no município em 1989. No entanto, nessa época, Lindolfo Collor ainda pertencia à cidade de Ivoti. Dessa forma, vendo a necessidade dos pais de terem um lugar para “deixar seus filhos durante o dia” enquanto trabalhavam, principalmente, no setor coureiro calçadista, foi pensado em um espaço no qual as crianças pudessem permanecer. Nessa época, então, era a Assistência Social que administrava a instituição.

Em 1992, Lindolfo Collor emancipou-se, tornando-se uma cidade, sem ligação com Ivoti. A instituição acabou ficando no território pertencente a Lindolfo Collor.

Sendo assim, a creche ao ser fundada em 20 de março de 1989, contava com uma monitora, uma diretora, uma servente merendeira, uma secretária, uma cozinheira e uma nutricionista. Atendiam, inicialmente três crianças de zero a cinco anos. No mesmo ano, o número de monitoras aumentou, sendo três no total, e então passaram a atender mais crianças, totalizando dez.

Assim, com o passar do tempo a instituição foi crescendo e também novos profissionais foram fazendo parte. No entanto, o município também recebeu novos moradores e com isso surgiu a necessidade de se ter mais uma instituição, na qual as crianças pudessem passar o dia. Portanto, em 2004 a Escola de Educação Infantil Gente Miúda foi fundada,

atendendo mais especificamente um bairro do município, que situa-se mais no interior da cidade.

Em 2006, passou-se a olhar a Educação Infantil no município, com uma visão mais pedagógica e a partir de então, os professores passaram a contar com horas de planejamento, nas quais poderiam pensar e organizar suas práticas pedagógicas.

Ao perceber, novamente, a necessidade de haver mais uma escola, em 2004 a cidade inscreveu-se no projeto do governo, para obter uma Escola nos modelos Pró-infância. Porém, essa instituição teve sua construção concluída apenas no ano de 2015, no qual então passou a atender mais crianças.

Outro dado importante sobre a Educação Infantil na cidade é que entre os anos de 2005 e 2008, as crianças permaneciam na Educação Infantil, até os quatro anos de idade, ingressando posteriormente aos cinco anos no Jardim A, nas escolas de Ensino Fundamental.

Em 2009, o espaço foi reestruturado de forma que os alunos que completavam cinco anos após o dia 31 de março poderiam permanecer na escola de Educação Infantil até o final do ano corrente.

Já em 2015, novamente houve mudanças. Com a necessidade de atender todas as crianças do município a partir dos quatro anos de idade e não havendo vaga suficiente nas EMEI's, passou-se a receber as crianças dessa idade novamente nas Escolas de Ensino Fundamental, em apenas um turno.

Em 2017, iniciou-se então as atividades do Turno Integral, para que as crianças de Jardim A e B pudessem permanecer na escola no turno contrário ao que tinham aula. E assim, propostas de oficinas com intuito pedagógico foram pensadas.

Atualmente, a Educação Infantil do município conta com 23 professoras, 20 atendentes, 10 serventes/merendeiras, 13 estagiárias pelo CIEE, três diretores (as) e três coordenadores pedagógicas.

Na tabela abaixo, estão explicitadas as formações dos professores que atuam na Rede Municipal de Ensino de Lindolfo Collor.

Tabela 2 - Formação dos professores de Lindolfo Collor

(continua)

Formação Acadêmica	Nº profissionais
Magistério e Pedagogia em andamento	3
Pedagogia e Pós	8
Magistério e Psicologia em andamento	1

Curso Normal em Nível Superior	1
Magistério e Pedagogia	4
Pedagogia	5

Fonte: elaborada pela autora (2017)

Os dados acima apresentados na tabela revelam que todos os profissionais que atuam na Rede de Ensino do município, possuem formação específica para trabalhar na área da Educação Infantil. Muitos possuem magistério em Nível Médio, mas já possuem, além disso, Ensino Superior ou estão em busca dessa formação. Ainda a maioria, além da formação em Nível Superior, também já possui Pós-Graduação.

A Rede de Ensino oferece também formações continuadas durante o ano, nas quais os temas são variados e muitas vezes sugeridos pelos docentes, na intenção de auxiliar no trabalho realizado diariamente, como também no crescimento profissional de cada professor.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 CONTEXTO DO ESTUDO

Inicialmente, apresentarei de forma breve as escolas de Educação Infantil que fazem parte da Rede de Ensino de Lindolfo Collor e São José do Hortêncio, já que elas serão a base de minha pesquisa.

A Rede Municipal de Ensino de Lindolfo Collor conta com três escolas de Educação Infantil: Gente Miúda, Paraíso dos Baixinhos e Pequeno Polegar. Cada instituição fica localizada em bairros distintos da cidade, para que possam atender a demanda da comunidade.

A EMEI² Gente Miúda fica localizada no bairro 48 alta, e atende 80 crianças. Fazem parte do quadro de funcionários, oito professores, cinco monitores e cinco estagiárias.

Figura 3 – EMEI Gente Miúda



Fonte: Acervo pessoal de EMEI Gente Miúda

A EMEI Paraíso dos Baixinhos, encontra-se no bairro Feldmann e atende 63 crianças. Compõem o quadro de funcionários da instituição sete professoras, cinco monitoras e três estagiárias.

² EMEI é sigla utilizada para referir-se à Escola Municipal de Educação Infantil.

Figura 4 - EMEI Paraíso dos Baixinhos



Fonte: Acervo pessoal de EMEI Paraíso dos Baixinhos (2017)

A EMEI Pequeno Polegar fica situada no centro da cidade e assim, atende um número maior de crianças, 100. Com isso, fazem parte da escola, 10 professores, 10 monitoras e seis estagiárias.

Figura 5 - EMEI Pequeno Polegar



Fonte: Acervo pessoal de EMEI Pequeno Polegar (2017)

Em São José do Hortêncio, a Rede Municipal de Ensino conta apenas com uma Escola de Educação Infantil que atende toda a demanda do município, a EMEI Sonho Meu. Ela fica localizada no centro da cidade e atende 120 crianças. Seu quadro de funcionários conta com 10 professoras, 11 atendentes e 10 estagiárias.

Figura 6 - EMEI Sonho meu



Fonte: acervo pessoal de EMEI Sonho Meu (2017)

As fotos e composição funcional de cada uma das escolas, somadas as informações dos municípios já apresentadas, situam um pouco os lócus de realização da presente pesquisa. Tendo dito isso, passo para a apresentação dos caminhos metodológicos da investigação.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS³

A partir dos dados acima e dos que já foram mencionados no capítulo anterior, vamos a uma aventura! Afinal, como Costa (2007, p. 147) nos diz, “pesquisar é uma aventura”. Além de que “pesquisa é uma atividade que exige reflexão, rigor, método e ousadia.” (COSTA, 2007, p. 150). Com isso é possível perceber o quanto a pesquisa torna-se uma ferramenta importante na educação, de modo que destaco quatro palavras citadas acima, a partir do excerto retirado da escrita de Costa: “reflexão”, “rigor”, “método” e “ousadia”.

Afinal, na educação, a pesquisa deveria estar constantemente presente, principalmente nas escolas e em salas de aulas, pois as instituições de ensino, em especial os docentes, precisam estar em constante aprimoramento da sua prática, questionando e indo em busca de resultados/respostas para suas inquietações.

Dessa forma, conforme já mencionado, como faço parte de duas redes de Ensino de municípios distintos, realizei minha pesquisa nesses espaços na intenção de fazer com que a educação e pesquisa estejam presentes em minha formação tanto acadêmica, quanto profissional.

³ No presente TCC todos os materiais empíricos analisados no capítulo 5 estarão dentro de quadros para diferenciá-los do referencial teórico.

Como parte da pesquisa, foi realizada uma análise de documentos, mais especificamente dos Projetos Políticos Pedagógicos das quatro escolas participantes da investigação. O estudo dos PPP's foi incluso na pesquisa, pois executam um papel fundamental dentro das escolas, afinal,

para nortear a organização do trabalho da escola, a primeira ação fundamental é a construção do projeto político-pedagógico. Concebido na perspectiva da sociedade, da educação e da escola, ele aponta um rumo, uma direção, um sentido específico para um compromisso estabelecido coletivamente. Ao ser claramente delineado, discutido e assumido coletivamente, o projeto constitui-se como processo e, ao fazê-lo, reforça o trabalho integrado e organizado da equipe escolar, assumindo sua função de coordenar a ação educativa da escola para que ela atinja o seu objetivo político-pedagógico. (VEIGA-NETO, 2010, p. 1).

A escolha destes documentos ocorreu também na intenção de buscar indícios sobre concepções de educação e docência, que balizaram a construção pedagógica da Educação Infantil das Redes de Ensino dos municípios citados anteriormente. Assim, será possível observar o que “eles nos falam das aspirações e intenções dos períodos dos quais se referem, pois descrevem lugares e relações sociais de uma época em que podíamos não ter nascido ainda ou simplesmente não estávamos presentes.” (MAY, 200, p. 205).

Importa citar que os documentos carregam consigo histórias de fatos que já se sucederam anteriormente à vinda da grande parte dos docentes que compõem a Rede de Ensino de Lindolfo Collor e São José do Hortêncio.

Como primeiro passo, estes documentos foram coletados nas Escolas, tendo autorização da Secretaria de Educação e também da direção das Instituições de Ensino – ver termo de anuência no anexo I. Feito isso, foi realizada uma leitura desses PPP's e com isso, antes de iniciar a análise, foi preciso averiguar qual a intenção que se tinha ao analisá-los, pois “os tipos de perguntas que fazemos à história e como a nossa existência contemporânea informa esse processo têm implicação sobre o que descobrimos, e mais importante, sobre o que é ignorado.” (MAY, 2004, p. 207).

Contudo, constatou-se que todos os elementos que compõem os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas são importantes, no entanto, para a pesquisa atual aqui apresentada, foram selecionados apenas alguns elementos específicos relacionados à questão norteadora, citada no primeiro capítulo deste trabalho.

Portanto, a partir da leitura de cada um dos documentos, os pontos que foram considerados mais pertinentes para análise foram os seguintes:

- Escola 1: Filosofia da escola, Organização Curricular, Fundamentos, Proposta Ensino-Aprendizagem, Programações que fazem parte da Proposta Pedagógica e Ações e Práticas Pedagógicas da Escola;
- Escola 2: Filosofia da escola, Fundamentos, Proposta Ensino-Aprendizagem, Programações que fazem parte da Proposta Pedagógica e Ações e Práticas Pedagógicas da Escola;
- Escola 3: Filosofia da escola, Organização Curricular, Fundamentação Teórica, Processo de Ensino-Aprendizagem e Ações e Práticas Pedagógicas da Escola;
- Escola 4: Filosofia da escola, Objetivos, Concepções, Educação de Qualidade, Metodologia de Ensino, Avaliação, Currículo e O Perfil do Profissional que atua com crianças;

A partir da seleção desses assuntos, alguns pontos foram destacados de cada um e com isso, um quadro foi criado, para que eu pudesse visualizar de uma melhor maneira as propostas de cada escola, bem como as recorrências entre elas.

Além da análise dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, foram realizadas entrevistas com os coordenadores pedagógicos – ver roteiro da entrevista no anexo 2, para que esses dados qualitativos pudessem complementar os fornecidos nos questionários respondidos pelos docentes – ver roteiro do questionário no anexo três. Afinal, como nos apresenta Zago (2003, p. 297) “Uma das características da entrevista é assegurar informações em maior profundidade do que poderia garantir um instrumento com questões fechadas.” E assim, como os questionários limitam as respostas, torna-se importante a inserção também da entrevista, que durante o diálogo possibilita que as perguntas iniciais sejam ampliadas.

Além das entrevistas com a parte da coordenação de cada escola, os secretários de Educação das duas Redes de Ensino também foram entrevistados – ver roteiro da entrevista no anexo quatro, para que pudéssemos ter um conhecimento maior acerca do assunto investigado.

Os momentos das entrevistas foram combinados anteriormente, tendo assim um dia e horário marcado, em seus respectivos ambientes de trabalho. As perguntas foram semiestruturadas e deram uma base à entrevista. Foram entregues aos entrevistados uma semana antes do encontro, para que pudessem preparar-se caso fosse necessário e assim, também, na intenção de deixá-los mais tranquilos, já que muitos não haviam passado por tal experiência em outros momentos e estavam um pouco apreensivos.

Durante o momento da entrevista, foi feito o uso de algumas questões que deram uma direção à conversa, mas que também permitiam uma liberdade para outros questionamentos

durante o momento. Assim como nos apresenta Zago (2003, p. 303) dando importância a esses aspectos:

A flexibilidade faz parte da lógica do método qualitativo e da entrevista compreensiva, mas é importante demonstrar, na sua condução, aonde o pesquisador quer chegar. Daí a importância de termos um ponto de partida e garantirmos essa condição mediante um roteiro de questões.

Para o momento da conversa, fez-se o uso de um gravador, já que “a gravação do material é de fundamental importância, pois com base nela o pesquisador está mais livre para conduzir as questões, favorecer a relação de interlocução e avançar na problematização.” (ZAGO, 2003, p. 299). Por não estarem habituados com esse tipo de método de pesquisa, alguns dos entrevistados demonstraram certo nervosismo e preocupação com o uso do gravador, porém, tentei deixá-los mais tranquilos antes de iniciarmos, explicando questões da pesquisa em conversa informal.

Depois de realizadas todas as entrevistas, as transcrevi na íntegra. Essa prática possibilitou visualizar de uma maneira mais fácil e clara, o que as coordenadoras haviam falado sobre cada questão. Criei um quadro (ver anexo cinco), no qual as respostas ficaram lado a lado e assim, fui destacando com cores distintas as ideias que eram semelhantes, como também as opiniões que se divergiam ou até mesmo as respostas que não seguiam nenhum padrão.

Importa dizer que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – ver anexo seis. Todos os cuidados éticos foram tomados durante a pesquisa e durante a análise dos dados coletados, a identidade dos entrevistados foi preservada (sigilo).

Para que fosse possível entender a forma como os professores dialogam com as concepções de Educação dos municípios, foram aplicados questionários, que continham nove perguntas relacionadas à formação de cada um e também relacionadas à prática pedagógica de cada docente. Para a utilização do método, é preciso ter uma atenção sobre alguns aspectos como nos apresenta Gatti (2004, p. 13):

No emprego dos métodos quantitativos precisamos considerar dois aspectos, como ponto de partida: primeiro, que os números, frequências, medidas, têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles, e que deixam claro seu alcance; segundo, que as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema, as quais guiam as análises e as interpretações.

Durante a elaboração das perguntas, foi possível perceber que questões que permitiam a escolha de uma opção de resposta, na qual o participante da pesquisa apenas marcaria a

opção que considerasse “correta”, não traria dados desejados e relevantes à pesquisa. Portanto, nos questionários, foi permitido que cada docente pudesse responder de forma descritiva suas respostas. A aplicação de questionários foi uma forma encontrada de envolver todos os docentes na pesquisa. Foram enviados para todos os professores das duas Redes – totalizando 31 envios – e retornaram 13 questionários respondidos. Também listei as respostas uma abaixo da outra para melhor visualização, que se encontra no anexo sete.

Tanto a realização das entrevistas, que foram realizadas com os coordenadores e responsáveis pelas Secretarias de Educação quanto a aplicação dos questionários com os educadores, demandaram “o esforço de reflexão do pesquisador para dar sentido ao material levantado e analisado” (GATTI, 2004, p. 13). Afinal, após a coleta desses materiais, a reflexão tornou-se imprescindível, para que assim, pudesse chegar a resultados e a novos questionamentos.

A análise realizada na pesquisa ganhou força a partir de uma breve imersão no referencial teórico que foi realizada nos capítulos três – discussão sobre a escolha da profissão professor e sobre a docência na Educação Infantil – e quatro – discussão sobre a história da Educação Infantil enquanto primeira etapa da Educação Básica. Tais capítulos tematizam uma questão central do problema de pesquisa, que é: concepções sobre educação e docência.

3. TORNAR-SE PROFESSOR?

3.1 ESCOLHA PELA PROFISSÃO PROFESSOR

A escolha pela profissão docente não está no topo da lista de muitos estudantes do Ensino Médio, devido a sua falta de valorização. No entanto, ainda há algumas motivações que levam jovens e adultos a optarem por essa carreira, como nos aponta Gatti (2009, p. 15), que diz:

[...] as motivações para o ingresso no magistério evocadas pelos professores interrogados permanecem no campo dos valores altruístas e da realização pessoal, estando fortemente ancoradas na imagem de si e na experiência cotidiana, a saber: o dom e a vocação, o amor pelas crianças, o amor pelo outro, o amor pela profissão, o amor pelo saber e a necessidade de conquistar logo certa autonomia financeira.

Como apresentado pela autora, o discurso do “amor” é algo fortemente ligado a essa escolha ou então a necessidade de ter de imediato um espaço no mercado de trabalho, já que, em muitas escolas, estudantes de Pedagogia ou outra Licenciatura, são contratados como estagiários. Diferente de outras profissões, em que o graduando precisa ter cursado determinado número de disciplinas, para, então, ser contratado. Esse fato ocorre devido a situação da Educação no Brasil, afinal, com a falta de investimentos, muitas vezes, é necessário improvisar e os estagiários acabam tendo um custo menor para as instituições que os contratam. Ainda, devido a demanda enorme por docentes e a diminuição de profissionais que buscam a docência no Brasil.

No entanto, o amor pela profissão, sem uma verdadeira responsabilidade, profissionalismo (conhecimentos específicos) e comprometimento, muitas vezes, acaba não sendo suficiente e esses jovens que inicialmente estão empolgados com sua escolha profissional, acabam tornando-se adultos descontentes com a profissão. Ou então,

Aparentemente, o que se observa é que a atividade docente apresenta alguma possibilidade de oferta de trabalho com base em um curso de formação que é visto como acessível o que faz com que alguns alunos ingressem em cursos superiores de Pedagogia ou Licenciatura sem um real interesse para atuar como professor. (GATTI, 2009, p. 14).

Esse fato relatado pela autora acima, é outra questão que pode levar ao descontentamento pela profissão, já que muitas vezes é escolhida não por um interesse, mas por ser “acessível” e assim, ter uma oportunidade de emprego mais imediata. Além de que,

muitas famílias, acabam incentivando seus filhos a cursarem alguma licenciatura, devido a fácil entrada no mercado de trabalho.

Outros fazem essa escolha profissional por considerarem um trabalho fácil e com pouca carga horária, afinal, como muitos dizem, “professores tem dois meses de férias”. No entanto, quando percebem que esse trabalho remete a muito comprometimento, estudo, responsabilidade e dedicação como também conhecimento técnico, acabam desiludindo-se e desistem, ou então realizam um trabalho sem grande êxito.

Recordo-me das aulas da professora Nara Nörnberg, nas quais ela dizia que a profissão professor pode ser a mais difícil para quem tem responsabilidade, do contrário, pode ser extremamente fácil. Sendo assim, trata-se de uma singularidade do professor e da forma com que ele encara a sua profissão.

Gatti (2009) discute que diversos países se preocupam com a atratividade da carreira docente, procurando medidas para ampliar a busca pela profissão. No entanto, esses incentivos nem sempre podem ser o melhor, pois

há a necessidade de reconhecer que o trabalho dos professores não é homogêneo, ou seja, se diferencia por tipo de escola, contexto social, disciplina de especialização e características pessoais e de formação dos docentes. Isso significa que é preciso levar em conta que o efeito de incentivos está na dependência dessas características concretas, podendo trazer reações diversificadas, e nem sempre na direção desejada. (GATTI, 2009, p. 19).

Com isso, o método de incentivo não se mostra totalmente eficaz em todos os lugares, pois é preciso uma análise anterior referente ao contexto, já que há realidades distintas relacionadas à Educação.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nos apresenta a finalidade da educação, onde diz que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, s/p.).

Dessa forma, podemos perceber o quanto a educação é importante em nossa sociedade, principalmente para o desenvolvimento pleno de cada indivíduo. Para que ela ocorra, a figura do professor é essencial e desta forma, torna-se importante também o prestígio deste profissional, que forma tantos outros profissionais.

Não é apenas a formação do professor no Ensino Superior que o formará para o mercado de trabalho, na verdade, é uma construção desde o início da vida, desde a Educação

Infantil. Pois o docente já exerce um papel extremamente importante frente o desenvolvimento de cada criança, como veremos no próximo subcapítulo que retratará a docência na Educação Infantil e a sua importância.

3.2 DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na educação de crianças pequenas, nem sempre a figura do professor esteve presente, pois, inicialmente, o importante nessa faixa etária era apenas o cuidado, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo. Dullius e Luce (2006, p. 67), nos apresentam que

as atividades profissionais com crianças pequenas têm origem, no Brasil, na delegação de cuidados com genitores a terceiros, durante a escravidão, quando as senhoras da Casa Grande escolhiam suas mucamas mais instruídas para se ocuparem no atendimento e amamentação de seus filhos.

Então, “quando o espaço doméstico, por sua capacidade e condições sanitárias, não suportou o atendimento da demanda, ou quando a morte ou o abandono dos genitores ocorria, a institucionalização foi a saída, a exemplo de outros países.” (DULLIUS; LUCE, 2006, p. 67).

Sendo assim, um olhar pedagógico em instituições de Educação Infantil é algo muito recente no Brasil, afinal, inicialmente essas instituições “[...] revelaram seu caráter assistencial e custodial, voltado ao atendimento das crianças e famílias empobrecidas.” (ANDRADE, 2010, p. 135). Dessa forma, a educação/atendimento não era entendida como um direito da criança, mas como uma “ajuda” às famílias e principalmente para as mulheres, já que essa necessidade surgiu devido à entrada delas no mercado de trabalho.

Como as creches eram considerados espaços assistencialistas, não eram necessários profissionais da educação, apenas “mulheres cuidadoras”, pois o trabalho remetia a questões de maternidade, que pudessem vigiar as crianças durante o dia, enquanto seus pais trabalhavam. Luci e Dullius (2006, p.68), nos falam que

apenas na década de 90, no Brasil, a oferta da Educação Infantil e a problematização da maternidade ampliada toma vulto, permitindo a ressignificação do trabalho profissional e do lugar de atenção à criança de 0 a 6 anos. Não mais de cuidador(a), há que ser educador. Mais recentemente, também, um professor(a) especializado.

Andrade (2010, p. 146), por sua vez, destaca que:

O reconhecimento do caráter educativo das creches implica o rompimento de sua herança assistencialista, assim como a definição de propostas pedagógicas para as

crianças pequenas que possam garantir a aprendizagem e o desenvolvimento infantil respeitando as particularidades dessa faixa etária.

No entanto, essa herança assistencialista está presente, de certa forma, até os dias atuais nas escolas de Educação Infantil. Afinal, essa mudança ainda é algo recente e para as famílias, que muitas vezes não tem conhecimento sobre a área, ainda consideram esses espaços como um lugar seguro para “deixar” o filho durante o dia, enquanto trabalham. Além de que muitos funcionários, contratados na época assistencialista, ainda estão presentes nas escolas, sendo assim, “muitas pessoas exercem a docência sem formação específica e preparo profissional ou com preparo precário.” (GATTI, 2009, p. 13). A autora nos diz ainda que:

Talvez o fato de a grande maioria dos docentes nas redes de ensino, e dos licenciandos, ser do sexo feminino coloque a questão de gênero em nosso contexto social como um dos fatores intervenientes nessas motivações e na escolha pela docência. Esse fato apontado pela autora, nos leva a ver a docência como algo maternal, principalmente, na Educação Infantil, onde alguns afirmam ser melhores professoras, por já serem mães. E isso, acaba influenciando na escolha pela profissão, pois quando um homem opta em trabalhar com crianças pequenas, acaba causando um certo estranhamento. (GATTI, 2009, p. 11).

No entanto, o gênero não pode ser um fator na escolha pela docência, é preciso ir além disso, afinal,

o autodidatismo aliado à vocação/motivação intrínseca para a atividade - de forma homóloga a ação das mães ao educarem os filhos - não contempla as exigências de conhecimentos das ordens científicas e técnicas para lidarem com a complexidade das sociedades, a densidade e diversidade da população que habita as cidades, nem com os desafios dos sistemas escolares em relação à pluralidade cultural e estratificação social da população que atende. (BRANDÃO; MARAFELLI; RODRIGUES, 2017, s/p).

Dessa forma, há paradigmas que precisam ser mudados e repensados, para que a Educação Infantil não seja mais vista como um espaço assistencialista e que os docentes sejam reconhecidos como profissionais competentes e especialistas da área e não como pessoas com um dom especial ou instinto materno.

Para que esse reconhecimento aconteça, é necessário que a postura desses docentes seja coerente, afinal Lima, Sérgio e Souza (2012, p. 05), nos afirmam que:

[...] uma parte importante da competência da atuação dos professores tem haver com o processo de sua formação profissional, dos saberes adquiridos e também das experiências vivenciadas, assim, uma prática docente voltada para a educação infantil, deve incluir uma pedagogia que respeite a criança e a sua diversidade para que a mesma reencontre sua própria identidade como ser humano através do respeito à individualidade de cada um, respeitando as crianças como elas são sem submetê-las a modelos pré-estabelecidos de infância. Uma prática que possibilite uma educação condizente com suas necessidades de desenvolvimento e crescimento pessoal e social.

Dessa forma, não basta inserir professores em escolas de Educação Infantil, é preciso que eles tenham também o conhecimento necessário, deixando de lado a ideia de que na Educação Infantil é fácil, é “só cuidar” das crianças. Afinal, o trabalho com crianças pequenas requer muito comprometimento e responsabilidade, pois essa fase inicial da vida é extremamente importante para o desenvolvimento do ser humano.

Com isso, é importante que as secretarias de Educação também propiciem momentos de formação para os docentes desta etapa da Educação, pois até então, pela minha experiência na área, percebi que, muitas vezes, as formações eram pensadas apenas com foco no Ensino Fundamental. Atualmente, tenho notado um grande crescimento da formação continuada das profissionais da Educação Infantil também.

Todavia, é um processo que aos poucos vai se concretizando, principalmente com a aprovação da Base Comum Curricular, que traz aspectos importantes sobre a Educação Infantil e requer, então, que os professores se apropriem e problematizem as propostas presentes nesses documentos, bem como da literatura da área de um modo geral com o intuito de compreender principalmente o binômio educação/cuidado.

4. REFLEXÕES INICIAIS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil, como já mencionado anteriormente, nem sempre teve um papel pedagógico e um olhar sensível sobre o desenvolvimento da criança, já que “[...] a educação infantil, como nós a conhecemos hoje, realizada de forma complementar à família, é um fato muito recente. Nem sempre ocorreu do mesmo modo, tem, portanto, uma história”. (BUJES, 2001, p. 13).

Sendo assim, evidências nos mostram que a Educação Infantil surgiu a partir de necessidades da sociedade e não devido às necessidades das crianças.

[...] as creches e pré-escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade: pela incorporação das mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias, num novo papel da mulher, numa nova relação entre os sexos, para citar apenas as mais evidentes. Mas, também, por razões que se identificam com um conjunto de ideias novas sobre a infância, sobre o papel da criança na sociedade e de como torná-la, através da educação, um indivíduo produtivo e ajustado às exigências desse conjunto social. (BUJES, 2001, p. 15).

Importa dizer que “este percurso (esta história), por outro lado, só foi possível porque também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada no momento específico da infância.” (BUJES, 2001, p. 13). Essa mudança na maneira de pensar a respeito da infância, tem uma trajetória recente, pois a “invenção da infância” não se deu da mesma forma em todos os lugares. No Brasil, por exemplo, podemos falar em múltiplas infâncias.

Na época em que eu era criança, por exemplo, ainda se tinha muito a ideia de que os pequenos deveriam ser obedientes aos adultos, sem ter direito de opinião sobre determinados assuntos. Ao refletir sobre a infância das gerações anteriores à minha, percebo que esse olhar de respeito com a criança era ainda menos presente. Meus pais, por exemplo, cresceram em uma pequena cidade do interior e desde crianças já tinham que ajudar nas tarefas domésticas e rurais. No entanto, a partir de mudanças históricas da sociedade, a criança aos poucos foi sendo vista, principalmente por especialistas,

[...] como sujeito histórico, social, produtor de cultura, ativo e criativo, cujo desenvolvimento se dá de forma indivisível. Ela não pode ser vista apenas como um corpo que precisa de cuidado, tampouco como uma mente sem corpo ou uma inteligência que aprende num corpo ao qual não se dá atenção.” (DIDONET, 2011, p. 38).

No entanto, essa visão de criança como sujeito histórico que tem potencial, ainda não é um entendimento comum, afinal, muitos ainda têm a ideia de que a criança precisa apenas de um espaço, no qual cuidem dela e de suas necessidades relacionadas à saúde e higiene, enquanto os pais trabalham. Essa ideia nos remete ao início da Educação Infantil, já que ela surgiu a partir da necessidade dos pais de terem um lugar para deixar seus filhos durante o dia e até hoje, carrega a ideia de assistencialismo.

Como cuidar era o fundamental, inicialmente, as creches (zero a três anos) faziam parte da Assistência Social, não havendo uma proposta educacional. A partir de 1988, a Educação Infantil passa então a ser dever do Estado e parte da Educação, como nos é apresentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.81):

O atendimento em creches e pré-escolas como um direito social das crianças se concretiza na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação, processo que teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação.

Essa mudança, a partir da constituição, aconteceu também devido a ruptura que se percebia quando as crianças chegavam à pré-escola, pois o trabalho era diferente nesses espaços, já que apenas a pré-escola pertencia a parte educacional do país até então.

Nesse sentido, avança, no Brasil, a ideia de criar “estabelecimentos de educação infantil” que atendam as crianças de 0 a 6 anos, no mesmo espaço, com as necessárias divisões internas de ambientes específicos para as diferentes faixas etárias. A intenção é evitar ruptura na trajetória educacional da primeira infância. À medida que esse modelo de estabelecimento educacional se instala nos sistemas municipais de ensino, a creche e a pré-escola vão deixando de existir como unidades separadas. (DIDONET, 2011, p. 40).

É importante ressaltar que “o surgimento das instituições de educação infantil esteve de certa forma relacionado ao nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, que pode ser localizado entre os séculos XVI e XVII” (BUJES, 2001, p. 14), já que a faixa etária de zero a três anos, era considerada como uma preparação para a pré-escola e conseguinte para as séries iniciais. E,

[...] também foram importantes, para o nascimento da escola moderna, uma série de outras condições: uma nova forma de encarar a infância, que lhe dava um destaque que antes não tinha; a organização de espaços destinados especialmente para educar as crianças, as escolas; o surgimento de especialistas que falavam das características da infância, da importância deste momento na vida do sujeito e de como deveriam se organizar as aulas, os conteúdos de ensino, os horários, os alunos, distribuir recompensas e punições, enfim estabelecer o que e como ensinar; e, também, uma desvalorização de outros modos de educação da criança antes existentes. (BUJES, 2001, p. 14).

No entanto, essa visão de escola, estava muito ligada ao modelo do Ensino Fundamental, principalmente, quando é citado “como deveriam se organizar as aulas”, e “os conteúdos de ensino”. Assim, como nos aponta a Base Nacional Comum Curricular (2017, p.31):

A expressão educação “pré-escolar”, utilizada no Brasil até a década de 1980, expressava o entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independente e preparatória para a escolarização, que só teria seu começo no Ensino Fundamental. Situava-se, portanto, fora da educação formal.

É possível perceber que diferentes fatores contribuíram com a constituição de instituições que acolhem os pequenos. O olhar voltado às crianças e suas necessidades também foi sofrendo mudanças, já que “posteriormente, com a promulgação da LDB em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.” Assim, passa a ser parte da educação básica e não apenas um preparo para essa etapa, de modo que uma discussão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas a partir da relação educação/cuidado e a profissionalização docente, ganharam acento nas discussões da Educação Infantil.

4.2 EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIRA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Concordo com Bujes (2001, p. 17) quando ela diz que “cada época tem a sua maneira de considerar o que é ser criança e de caracterizar as mudanças que ocorrem com ela ao longo da infância.” (BUJES, 2001, p.17). Atualmente, é possível perceber o quanto a criança tem sido vista, especialmente por muitos profissionais, com um olhar mais sensível acerca das suas necessidades, tanto físicas como psíquicas, tendo um avanço nessa fase inicial da vida, como já foi citado no subcapítulo anterior. Afinal, assim, como nos relata Bujes (2001, p.16):

A educação da criança pequena envolve simultaneamente dois processos complementares e indissociáveis: *educar e cuidar*. As crianças desta faixa etária, como sabemos, têm necessidades de atenção, carinho, segurança, sem as quais elas dificilmente poderiam sobreviver. Simultaneamente, nesta etapa, as crianças tomam contato com o mundo que as cerca, através das experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de expressão que nele ocorrem. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem que atividades voltadas simultaneamente para *cuidar* e *educar* estivessem presentes.

Com isso, nas instituições o cuidar é componente das práticas desenvolvidas, afinal, é uma parte importante para o desenvolvimento e bem-estar da criança. No entanto, esse espaço não é pensado apenas com esse propósito, mas também com o intuito de proporcionar

diferentes momentos e possibilidades de experiências significativas para os pequenos, rompendo a ideia de assistencialismo presente na história da Educação Infantil. Como nos apresenta a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 32):

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.

É nesse ponto que se enquadra uma proposta pedagógica específica que se afaste tanto de uma noção assistencialista, quanto do processo de escolarização do Ensino Fundamental ou de preparação para ingressar nele. A ideia de uma proposta pedagógica específica para a Educação Infantil não se deu de imediato, como nos relata Didonet (2011, p. 17).

Podemos agrupar os principais eventos situados no caminho de construção dos conceitos de complementaridade do educar e cuidar e da integralidade do desenvolvimento infantil e do direito à educação infantil em três etapas históricas: • do começo das iniciativas de atendimento à criança até a redemocratização do país (1875-1985); • período da Assembleia Nacional Constituinte, promulgação da Constituição Federal e elaboração das leis que a regulamentam na área dos direitos da criança (1986-1996); • formulação de diretrizes, políticas, planos e programas que objetivam a realização dos direitos da criança (1996 até os dias atuais).

Atualmente, tivemos também a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (2017), sendo, assim, também mais um feito histórico da Educação Infantil. Com essas mudanças, foi mudada a visão que se tinha sobre as crianças, tornando-as importantes e assistidas durante todo o processo de desenvolvimento e também como agentes ativos e não apenas receptores de informações.

Sendo assim, é preciso valorizar a criança como participante e não apenas reprodutor de atividades, proporcionando situações nas quais possam produzir conhecimento com e sobre o mundo, a partir de uma intencionalidade na proposta pedagógica, como nos apresenta a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 34):

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a

necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola.

Dessa forma, é importante vermos a criança como um ser ativo e não apenas um receptor de informações, afinal,

Ao considerarmos que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação, podemos incluir aí também a ideia de que as crianças participam igualmente desta transformação e, neste processo, acabam também transformadas pelas experiências que vivem neste mundo extremamente dinâmico. (BUJES, 2001, p. 21).

Tendo em vista esta constituição da infância em consonância com a constituição da sociedade, vivemos em um momento no qual é possível articular educação/cuidado e proporcionar uma escuta atenta das crianças, respeitando seus direitos e também as suas infâncias, possibilitando práticas pedagógicas significativas. Muitos desses momentos que precisam ser vividos e oportunizados acontecem na escola e com isso a instituição “apoiada por um clima de proximidade com as famílias e com a cultura em que está inserida, ela pode construir um sentido de acolhimento respeitoso das crianças dentro e fora de seu espaço institucional. Cumpre, com isso, sua função social.” (CARVALHO; FOCHI, 2017, p. 24).

5. ANÁLISE DOS DADOS

Como já mencionado no início deste Trabalho de Conclusão de Curso, a presente pesquisa tem como objetivo conhecer e compreender quais concepções de Educação e Docência balizaram a construção das Propostas Pedagógicas de duas Redes de Ensino e como os docentes dialogam com tais concepções.

Para tanto, conforme já explicitado nos caminhos metodológicos, neste capítulo apresentarei a análise dos documentos (PPPs selecionados), das entrevistas realizadas com as coordenações das escolas e com os secretários de educação das duas redes de Ensino e dos questionários respondido pelas docentes. Do mesmo modo, penso que os capítulos três e quatro foram fundamentais para que eu compreendesse um pouco mais a escolha pela profissão professor, a docência na Educação Infantil, o histórico da Educação Infantil e a importância dela como primeira etapa da Educação Básica.

Sendo assim, esses dois pontos de análise criados buscam incorporar discussões relacionadas ao tema do trabalho, trazendo reflexões acerca do fazer pedagógico e da construção da Docência na Educação Infantil, articuladas às ideias dos autores estudados.

5.1 CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como já citado em capítulos anteriores, a concepção de Educação Infantil como um espaço com Propostas Pedagógicas, é algo novo em nosso país, e, a partir das pesquisas realizadas, foi possível perceber que nos municípios nos quais ela se sucedeu, essa inserção é ainda mais recente. Isso é possível perceber na transcrição abaixo da fala de uma das coordenadoras entrevistadas:

Depois foi em noventa e nove que mudou o nome... em noventa e nove mudou e daí que ela começou a ser, daí que passou pra Educação, mas ainda não tinha professores nessa época. Eram monitoras, tinha diretora, tinha secretária, coordenação pedagógica nem se pensava nisso, naquela né... imagina, não tinha nem professores ainda... em noventa e nove isso. (Coordenadora 2).
--

Anterior a isso, então, era apenas um espaço de cuidados, no qual o que se procurava era um lugar, em que as crianças pudessem permanecer ao longo do dia. “Assim, as creches geralmente visavam o cuidado físico, saúde, alimentação, formação de hábitos de higiene, comportamentos sociais” (DIDONET, 2011, p.17). Esses traços estão bem presentes na

história da Educação Infantil de uma das Redes de Ensino participantes da pesquisa, em que, inicialmente, essas instituições pertenciam à área da Assistência Social e Saúde, como relatado pela responsável da Secretaria da Educação do município:

Tinha uma portaria naquela época, que era da Secretaria da Saúde e Meio Ambiente, quando não era como escola, dizia assim ó: “considera-se creches, maternais e jardins de infância como equipamento de proteção à saúde da criança, a disposição da comunidade. Portanto fundamental para estabelecer as condições mínimas, numa construção. Uniformizar a atenção prestada a serviços da saúde que compõe a rede. (Secretária 1).

No entanto, aos poucos, essa concepção foi mudando, as creches passaram a ser de responsabilidade da Educação e não mais da Assistência Social, como nos relata Didonet (2011, p. 25):

A transferência de gestão e financiamento da creche para a educação foi ditada por duas razões: (a) a partir de 1988, a creche foi caracterizada pela legislação como uma instituição tipicamente educacional – a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) situam-na na esfera da educação, que é da competência dos sistemas de ensino, e não da assistência social; (b) iniciou-se no Ministério do Desenvolvimento Social a reformulação da assistência social, a elaboração de nova política para o setor e é criado o Sistema Único de Assistência Social (Suas), em 2004.

Porém, em um dos municípios analisados, de acordo com o relato das coordenadoras entrevistadas, essas mudanças não aconteceram de imediato, pois a Rede de Ensino passou a ter responsabilidade sobre as creches apenas a partir de 1999.

Mesmo a Secretaria de Educação sendo, então, responsável por essas instituições, ainda assim o trabalho nesses espaços continuou sendo o mesmo, nos quais a mudança aconteceu lentamente, como pode ser observado na transcrição relatada a seguir:

De noventa e nove até dois mil e cinco, nunca se enfatizou muito, aããhm, existia sim, a escola, então [...] a nossa única Escola de Educação Infantil que atendia de zero a três, no caso. Eu lembro, como eu já era da Rede naquela época, que não existia uma formação prevista para educação infantil... era muita monitora. Começou a pintar/surgir depois dos anos dois mil, a partir de noventa e nove, início de dois mil, começou a surgir a monitora especializada. Ainda não era professora... e anterior à monitora especializada, eram, vamos dizer assim, cuidadoras.. praticamente, cuidadoras. Não era necessário ter uma formação, não era exigido nenhuma formação, era só pra cuidar das crianças... alguém que fizesse o alimento e cuidasse enquanto estavam naquele espaço. Depois ali de dois mil, começou a mudar essa visão, né... quando se tornou escola, mesmo no momento em que passou de creche para escola, não foi uma coisa imediata... foi uma coisa que demorou, que foi aos poucos acontecendo e se vendo a necessidade. (Secretária 1).

Todavia, mesmo com essa mudança de *cuidadoras* para *professoras*, o cuidar não deixou de fazer parte do cotidiano das instituições de Educação para com crianças pequenas e bebês, afinal, o cuidar e o educar são aspectos indissociáveis no processo educativo dos pequenos, como nos é apresentado na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p.34):

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.

Dessa forma, o cuidar ainda é algo importante nesses espaços, mas aparece interligado ao educar. Entretanto, esse educar também sofreu e ainda vem sofrendo mudanças, conforme relatado em capítulos anteriores.

Já no outro município, a creche desde o início esteve sob responsabilidade da Secretaria de Educação, na qual em nenhum momento esteve vinculada à Secretaria de Assistência Social ou da Saúde. Porém, mesmo sendo da área da Educação, não havia professores, mas sim atendentes que tinham como maior responsabilidade a questão do cuidar. Esse processo de construção de um espaço com propostas pedagógicas ainda está em andamento, como nos relata o responsável pela Secretaria da Educação do município, na transcrição abaixo:

Era da Secretaria de Educação. Desde logo, ela pertencia à Educação. E daí depois, ahmm... depois, que, ahmm... a creche foi transferida pra um prédio próprio do município, que fica aqui do lado do posto de saúde, e daí, ahmm, que ela começou a ser chamada EMEI [...] Só que até hoje, ainda não tem regularização, só tem nome de EMEI, mas ainda legalmente é creche. E depois, em dois mil e catorze foi transferida para o prédio novo, que foi construído pela verba do governo federal, da pró-infância. Daí começou a funcionar lá a EMEI, prédio também próprio, mas oriundo de verba federal. (Secretária 2).

Com isso, é possível perceber que há uma diferença significativa entre os dois municípios, relacionada tanto à história da Educação Infantil de cada um, como também o quanto um já obteve grande avanço em relação a isso, enquanto o outro ainda não tem legalizado a instituição como Escola.

Além disso, há poucas informações sobre a constituição da Educação Infantil de um dos municípios, pois os dois profissionais entrevistados (Secretário da Educação e Coordenadora Pedagógica) estão há pouco tempo em suas funções, anterior a isso, não tinham vínculo com essa área da Educação no município. Com isso, ressalto um questionamento acerca dessa questão, afinal, será que para assumir um cargo, não é importante ter conhecimento sobre a área de atuação?

A partir de meu ponto de vista, considero extremamente importante que uma pessoa, antes de assumir um cargo com responsabilidades, aproprie-se dos acontecimentos acerca da área de atuação e como no caso citado acima, tenha conhecimento sobre a biografia da Educação do município, afinal, a história é um elemento importante para se pensar no futuro.

Outro aspecto a ser discutido, é o motivo que mobilizou uma das redes (a que teve a Educação Infantil vinculada em um primeiro momento à Secretaria de Saúde e Assistência Social⁴) a construir Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil, como pode ser visto na transcrição abaixo:

[...] na verdade, a gente começou a perceber essa importância no ensino fundamental, da maneira como as crianças vinham pro Ensino Fundamental, pra primeira série, pro jardim, pra primeira série, então a gente percebia que, né, que dava pra começar a fazer um trabalho diferenciado naquela outra instituição, né, de Educação Infantil, que pudesse fazer com que esse aluno evoluísse mais até quando ele chegasse no Ensino Fundamental. (Secretária 1).

Dessa forma, percebe-se que as Propostas Pedagógicas na Educação Infantil neste município, não surgiram com a ideia de se pensar o que é melhor para as crianças, mas, de certa forma, para prepará-las para o Ensino Fundamental, como relatado na transcrição anterior. Além do mais, isso me remete a concepção de que, inicialmente, muitas escolas de Educação Infantil basearam suas propostas em práticas desenvolvidas no Ensino Fundamental.

A partir dessa fala, é possível perceber, de fato, o motivo pelo qual isso aconteceu. Afinal, se as propostas pedagógicas surgiram na intenção de suprir as necessidades do Ensino Fundamental, era por essa razão que as práticas nas creches se assemelhavam com a próxima etapa da educação, para que as crianças já conhecessem o funcionamento da escola, na qual ingressariam posteriormente. Algumas dessas ações ainda constituem o fazer pedagógico de muitos professores.

⁴ Essa foi uma forma que encontrei do leitor situar cada uma das Redes sem necessidade de identificação da cidade na parte analítica.

Há apenas pouco tempo, as Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil dos Municípios foram construídas, sendo assim, esse fato ainda é muito recente nas duas Redes.

Em seguida, é possível perceber essa questão nas falas dos responsáveis pelas Secretarias de Educação das duas cidades:

[...] com a vinda das coordenadoras, né... não foi feito concurso, nem pra diretor, nem pra coordenador, era mais indicação pelo executivo, né, pelo prefeito. E se colocou esse profissional dentro das escolas, e com esse profissional começou a vir essa questão do Projeto Político Pedagógico, dos Planos de Estudos, de olhar os Parâmetros, de verificar o que que tá, qual a legislação pra Educação Infantil, o que que nos compete pra tal idade, qual é, né... o que nós precisamos desenvolver nas crianças... Daí que começou todo esse trabalho... por volta de dois mil e oito... teve reflexões anteriores, mas eu acredito, que não foi tanta coisa. (Secretária 1).

Planos de estudos para o fundamental já existiam há mais tempo, e provavelmente da Educação Infantil (quatro a cinco anos) também já existia... porque daí em dois mil e catorze ele foi reformulado e acrescentado para atender também os berçários, maternais. (Secretário 2).

As Propostas Pedagógicas ao serem discorridas tinham um intuito, como foi relatado durante uma das entrevistas realizadas:

[...] e a intenção acho que realmente era pra dar um sentido, né, pra dar uma continuidade também na aprendizagem das crianças. (Secretário 2).

Para que essa intenção seja concretizada, é necessário que os docentes tenham contato e conhecimento desses documentos. Com isso, foi possível perceber por meio do relato dos docentes a partir dos questionários aplicados, que todos têm contato com os Planos de Estudos e o utilizam em sua prática, como podemos observar nas falas abaixo:

Conheço os Planos de Estudos da Rede e é a base para a realização do meu planejamento juntamente com o interesse e necessidade das crianças. (Professora 1).

Sim, na minha prática utilizando os objetivos para a educação infantil propostos no Plano de Estudos. (Professora 8).

Conheço e utilizo. Os planos são utilizados em minha prática como um “norte”, condutor da minha prática. (Professora 9).

Sim, tenho acesso aos Planos de Estudos e são utilizados no meu trabalho, pois é através dele que nos guiamos. Ele é o nosso apoio para nortearmos o nosso trabalho. (Professora 10).

Os Planos de Estudos nas redes analisadas são Propostas Pedagógicas de âmbito maior, com princípios norteadores comuns para toda a rede e, além disso, cada instituição de ensino possui o seu Projeto Político Pedagógico, com intenções educativas baseadas nos

Planos de Estudos, que são importantes para o embasamento das práticas dos docentes. Todavia, foi possível perceber que muitos não têm contato com os PPPs, a partir das respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa por meio dos questionários que foram aplicados:

Conheço, mas não tenho contato com ele, pois existe a necessidade de atualizá-lo. (Professora 1)

Sim, raramente, pois está em mudança”. (Professora 2)

Conheço o PPP da escola, porém tenho pouco contato com ele. (Professora 3).

Outras afirmaram ter contato e conhecimento deste documento, mas acabaram não citando os principais fundamentos presentes nele. Dentre onze professoras (utilizo professoras, pois foram apenas professoras que participaram da pesquisa) que responderam os questionários, apenas duas destas citaram os fundamentos, um número muito baixo, e com isto surge o seguinte questionamento: será que realmente as demais docentes se baseiam no PPP em suas práticas?

Pode ser que realmente tenham conhecimento a respeito dele e apenas não quiseram responder essa questão, já que tinham a liberdade de responder ou não. Por outro lado, penso que se conheço algo, sei também falar facilmente a respeito dele e assim, não haveria empecilho para responder a questão. Dessa forma, essa questão é uma incógnita que fica a respeito da pesquisa, afinal, não posso afirmar nada sem realmente ter o conhecimento.

Analisando então os PPP's, primeiramente o que chamou a atenção foi que os documentos das Escolas de Educação Infantil de um dos municípios analisados (o que teve a Educação Infantil vinculada em um primeiro momento à Secretaria de Saúde e Assistência Social), possuem a mesma estrutura, porém, cada instituição possui sua própria proposta, e mesmo tendo singularidades, há também algumas marcas contextuais, que as diferem.

Todas as escolas, das duas Redes de Ensino, trazem em seus PPPs a importância do brincar na Educação Infantil, como podemos ver em trechos retirados dos documentos:

Nesse olhar sobre a ludicidade, pode se dizer que é através do brincar lúdico, a interação com o meio que a criança irá se desenvolver e irá exercitar sua capacidade de compreensão e de produção de conhecimento. (PPP da Escola 1).

A brincadeira é um momento de aprendizagem, de imaginação e de reinvenção da realidade. Considerando isto, a proposta de ensino aprendizagem em nossa escola de Educação Infantil é baseada no brincar, proporcionando atividades lúdicas que favoreçam o desenvolvimento da motricidade, percepção visual, auditiva, tátil, bem como a linguagem oral. (PPP da Escola 2).

Brincadeira é coisa séria, pois brincando, a criança se expressa, interage, aprende a lidar com o mundo que a cerca e forma sua personalidade, recria situações do

cotidiano se expressa; desta maneira, percebe-se a importância do brincar como forma da criança expressar-se e desenvolver suas habilidades de criação, de relacionar-se e interagir. (PPP da Escola 3).

O brincar, na educação infantil, tem uma grande importância, pois a partir desses momentos, as crianças desenvolvem diferentes capacidades. Segundo Friedmann (2012, p. 27) é “nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca.” Sendo assim, o mesmo precisa estar dentro do planejamento diário, tendo acompanhamento e objetivo de acordo com a proposta de ensino da instituição. (PPP da Escola 4).

Essa questão do brincar também foi citada pelas coordenadoras das escolas e por uma das professoras no questionário realizado, quando fala sobre o embasamento da sua prática:

É importante ter conhecimento sobre o Referencial Curricular, Planos de Estudos, PPP e Base Curricular para que as propostas pedagógicas sejam contempladas nas diversas áreas do conhecimento, envolvendo o brincar como principal motivador do processo de ensino – aprendizagem. (Professora 3).

E traz então como infância como uma etapa né, na verdade muito importante onde se proporciona muitas vivências, conhecimentos, criações, hã, tudo isso através do brincar de uma forma bem significativa e lúdica. (Coordenadora 1).

Sobre a questão do brincar, que é fundamental na Educação Infantil, de que a gente acredita nisso, e que todo trabalho aqui na escola vai ser voltado pra isso. (Coordenadora 2).

O PPP trás bastante a importância do brincar, ele expressa isso bastante, que é muito importante que a criança... o lúdico, a ludicidade, o brincar dentro da Educação Infantil, isso que ele trás. (Coordenadora 3).

Sendo assim, foi possível perceber que o brincar foi ressaltado e valorizado em todos os documentos, como foi visto acima nos trechos retirados. A importância do brincar também apareceu nas falas dos profissionais que participaram das entrevistas, evidenciando que realmente o lúdico é valorizado nas escolas e não apenas na escrita do documento. Afinal, o brincar é algo extremamente importante na Educação Infantil, tanto que é apresentado na Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 36), na qual diz que a criança tem o direito de:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Portanto, percebe-se que esse direito vem sendo valorizado pelas escolas, já que foi um ponto em comum encontrado em todos os PPP's. Outro elemento a ser destacado referente a estes documentos é em relação à filosofia de cada uma das escolas, em que as finalidades se assemelham, como pode ser visto a seguir a partir de trechos retirados:

A escola tem por filosofia proporcionar aprendizagens significativas, através do lúdico, priorizando o brincar e o desenvolvimento integral das crianças nas dimensões psicomotora, afetiva, intelectual, linguística e social, tornando-as, assim, adultos críticos, autônomos e reflexivos. (PPP da Escola 1)

A escola tem por filosofia uma ação democrática que possibilite a construção do conhecimento através do brincar na interação dos saberes de diferentes ordens, alicerçada nos valores humanísticos, que visam o desenvolvimento crítico, criativo e autônomo do aluno. (PPP da Escola 2)

A escola tem como filosofia uma ação democrática que possibilite a construção do conhecimento através da interação dos saberes de diferentes ordens, alicerçada nos valores humanísticos, que visam o desenvolvimento crítico, criativo e autônomo do aluno. (PPP da Escola 3)

Desenvolver na criança valores e potencialidades nos aspectos físicos, intelectuais, psicológicos e sociais. Possibilitar a criança a conhecer e explorar o meio em que vive possibilitando compreender o fato de estar inserida em uma sociedade. Portanto, a escola busca formar cidadãos com autonomia que futuramente possam exercer ações coerentes capazes de gerar mudanças positivas na comunidade em que vivem. (PPP da Escola 4)

A partir dos trechos selecionados, é possível identificar grandes semelhanças, em que todas procuram desenvolver cidadãos autônomos, criativos, com um olhar no futuro, preocupados com os cidadãos que essas crianças tornar-se-ão. No entanto, essa questão me incomoda de certa forma, pois me parece que a preocupação maior está no que virá e não no agora. A criança precisa, na verdade, viver o atual, o presente. Essa deve ser a maior preocupação das instituições, para que tenham experiências significativas neste momento, e os seus direitos de aprendizagens sejam garantidos como é frisado na BNCC.

Desta forma, como foi destacado por alguns profissionais e também pelo o que foi possível perceber nos documentos analisados, é interessante que ocorra uma revisão destes PPP's, principalmente, para que elementos que são apresentados na Base Comum Curricular façam parte desses documentos, no intuito de se pensar sempre no melhor para as crianças.

Com isso, a partir das informações apresentadas, foi possível perceber que as Educações Infantis, de ambos os municípios, possuem Propostas Pedagógicas, mas que é necessário haver uma reformulação dessas, para que a Educação Infantil possa crescer e conquistar um espaço maior de prioridades. Para que isso aconteça, é importante que os docentes tenham uma postura reflexiva acerca da sua prática e participem ativamente da construção dos PPPs e de momentos de estudo, procurando sempre aprimorar-se, já que desempenham um papel fundamental dentro destes espaços, como veremos no subcapítulo a seguir.

5.2 CONCEPÇÕES DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trago uma citação de Didonet para iniciar a discussão acerca das concepções de Docência na Educação Infantil:

A prática cotidiana ainda é, em parte, inibida pelo viés das instituições de assistência social e educação, que constituem setores separados e específicos da administração pública, e pela tradição, ainda arraigada em muitos lugares, de convocar profissionais com formação diferente e atribuir-lhes funções distintas (as relacionadas ao corpo: higiene, alimentação, sono; e as relacionadas à mente: linguagem, expressões, pensamento) dentro do mesmo espaço de atendimento à criança. (DIDONET, 2011, p. 13).

Saliento essa afirmação, pois nos apresenta a funcionalidade da Educação Infantil, na qual, muitas vezes, profissionais com formações distintas ocupam o mesmo espaço, mas exercem, por vezes, funções diferentes ou até mesmo as mesmas funções, mesmo não tendo formação específica para tal cargo. Como acontece nas instituições participantes da pesquisa, nas quais em todas as turmas há professores (formação relacionada à área de atuação) e atendentes/monitores (sem formação específica), assim, essas funções acabam tendo a mesma importância no cotidiano. Afinal, cuidar e educar, como práticas da Educação Infantil, são indissociáveis. Portanto, não há como executar um sem o outro, e assim, docentes e auxiliares acabam exercendo as mesmas tarefas.

Com isso, levanto a seguinte questão: por que não há apenas docentes com formação específica atuando nas escolas de Educação Infantil? De maneira alguma, pretendo desvalorizar o trabalho realizado pelas atendentes/monitoras, mas essa questão remete à ideia inicial da história da Educação Infantil, que tinha a finalidade de cuidar das crianças durante o dia enquanto seus pais trabalhavam e não era preciso ter uma formação específica. Assim, percebe-se o quanto essa área da Educação ainda tem questões a serem pensadas e repensadas.

Então, seria fundamental que todos os profissionais tivessem formação adequada ou então, que as secretarias oferecessem cursos/formações/especializações para capacitar todos os profissionais da área, garantindo assim uma educação de qualidade para as crianças.

Apesar dessas diferenças dentro das escolas de Educação Infantil em relação à função de cada profissional que atua junto às crianças, há o papel do professor, que de acordo com suas obrigações, precisa realizar o trabalho pedagógico junto aos alunos. Mas e como deve ser esse docente? O Projeto Político Pedagógico de uma das instituições nos apresenta como desejam que esse profissional se apresente, como podemos ver a seguir no trecho retirado do documento:

Desejamos um professor que esteja em constante formação, não só pedagógica, mas, também, cultural e social. Além disso, um professor que entenda e pratique a ética dentro da sala de aula, observando seus próprios atos e discursos; que seja capaz de entender, perceber e agir, respeitando as características da turma. Queremos um professor criativo, pesquisador, dedicado e informado; aberto ao diálogo, compreensivo, dinâmico e tranquilo; que trabalhe com amor e disposição. (PPP da Escola 4)

Dois fatos interessantes que podemos destacar deste trecho: *tranquilo* e *que trabalhe com amor*. Evidencio estes dois elementos, pois estes têm relação, normalmente, à personalidade de cada ser humano e nem sempre todas as pessoas são tranquilas, mas sabem controlar suas emoções e assim trabalhar de forma adequada. Também, muito se fala do quanto é importante estar bem na profissão escolhida, para que não se torne um lamento. Porém, acredito que este elemento é uma escolha de cada ser humano, como o meio de entrada dos profissionais nas presentes escolas é por meio de concurso público, estes requisitos deveriam ser analisados em questão de prova, para não precisarem estar explicitados no PPP da instituição. Porém, é importante destacar o quanto as características mais “vocacionais” se fazem presentes no PPP e apesar de citarem os conhecimentos pedagógicos – saberes específicos da profissão professor – eles não são explicitados.

Em outros documentos não há algo específico sobre o que se espera do docente, mas em alguns pontos, é possível perceber, de certa forma subjetiva, o papel que o professor deve exercer, como podemos ver abaixo:

O processo de avaliação não diz respeito apenas à aprendizagem e ao comportamento da criança, mas também como forma de auto avaliação dos educadores, momento de refletirem suas práticas pedagógicas para que aconteça a intervenção/reformulação desta prática e dos processos de aprendizagem. (PPP da Escola 1)

Não é um tópico específico sobre como o docente deve agir, mas de alguma forma diz que este profissional deve refletir acerca de sua prática, a partir da avaliação realizada sobre o desenvolvimento das crianças. Portanto, necessita ser um professor que reflete sobre sua prática e repensa suas ações quando necessário.

Já os docentes apresentaram especificamente a sua função dentro da escola, dando exemplos de ações que devem desenvolver:

Docente = planejar, administrar o dia a dia das crianças, incrementando a aprendizagem. (Professora 2).

Docente – interagir com as crianças, buscando atender os objetivos propostos e o desenvolvimento de cada faixa etária. Preparar as aulas, os objetivos e o que será aplicado. (Professora 5).

P6: Docente: elaborar e cumprir o plano de trabalho conforme a proposta pedagógica de ensino, desde o planejamento de atividades para a faixa etária em que atua, até a execução das mesmas. Realizar ainda tarefas que fazem parte da rotina de cada turma (trocas de fraldas/roupas, alimentação, o cuidado, dentre outras). (Professora 6).

Com isso, é possível perceber o quanto na Educação Infantil se tem um propósito, que realmente deixou de ser um espaço apenas assistencialista, no qual os profissionais que atuam têm responsabilidades pedagógicas frente aos pequenos. No entanto, é preciso que os docentes tenham constantemente reflexão acerca do seu trabalho, afinal, não basta “aplicar” atividades, é preciso que estas propostas tenham fundamentos e proporcionem experiências significativas aos pequenos. Do mesmo modo, percebe-se que não é possível pensar a Educação Infantil indissociada do cuidado. Chama a atenção a referência da professora cinco sobre a noção de “aula” que remete a um processo de escolarização da infância. Porém, tal compreensão precisaria ser desdobrada a partir das concepções da docente.

Desta forma, acredito que muito já se evoluiu na Educação Infantil destes municípios e que os professores acompanharam estas questões, mas ainda há possibilidades de se ir além e assim, pensar cada vez mais em melhorias para a Educação, iniciando pela reformulação das Propostas Pedagógicas, que foram citadas por muitos profissionais como sendo importantes neste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado no início deste Trabalho de Conclusão de Curso, o tema pesquisado surgiu a partir de minhas vivências durante o processo vivido por mim de tornar-me pedagoga/professora. Posso dizer que a realização desta pesquisa foi mais um momento de aprendizado, tanto como parte de minha trajetória acadêmica como também profissional, em que passei a conhecer mais sobre a trajetória da Educação Infantil das duas Redes de Ensino, das quais faço parte.

A partir da pesquisa realizada, muitos dados foram coletados, foram além, inclusive, do que eu esperava. Assim, neste trabalho foi preciso selecionar os dados mais importantes, e, com certeza, muitos outros poderiam ter sido utilizados, ficando assim, para uma futura reflexão acerca do tema.

Assim sendo, com base na questão problema que foi pensada no início desta pesquisa, é possível concluir que a Educação Infantil teve um grande avanço, tanto em Lindolfo Collor, quanto em São José do Hortêncio. Todavia, percebe-se a necessidade destas duas Redes continuarem suas reflexões – que devem ser permanentes – sobre a Educação infantil, afinal de contas, a história das duas Redes é muito recente e precisa ser amadurecida.

Havia o propósito de conhecer a respeito das concepções que balizaram as Propostas Pedagógicas dos municípios, no entanto, foi possível constatar que pouco se sabe acerca dessa questão, já que os responsáveis pela Secretaria de Educação da época em que foram elaborados, já não estão mais presentes e os atuais, pouco sabem a respeito. Sendo assim, a pesquisa acabou focando mais nas propostas de cada escola, das quais se tem um conhecimento maior a respeito.

A partir da análise destes documentos, um dado interessante chamou a minha atenção, já que estava relacionado à grande maioria dos PPP'S, sendo que a maioria deles está defasado e precisando ser reformulado, como foi citado por diferentes profissionais que participaram da pesquisa. Ao analisar os PPP's, foi possível constatar, como citado já no capítulo anterior, que algumas questões precisam ser revistas, principalmente aquelas relacionadas à filosofia das escolas. Alguns pontos não condizem com o que diz no restante dos documentos ou até mesmo, com a fala das docentes e coordenadoras. Do mesmo modo, é fundamental a participação de todos na construção dos PPPs.

Em relação à reformulação das Propostas Pedagógicas, nota-se que é necessário, primeiramente, uma maior apropriação das profissionais a respeito da Educação Infantil, das

possibilidades de construção de práticas pedagógicas significativas e da participação desses profissionais no processo de construção do PPP.

Com as informações obtidas durante a pesquisa, é possível constatar também que algumas professoras têm conhecimento acerca das propostas pedagógicas tanto da Rede, quanto da escola. No entanto, esse número é muito pequeno, onde ficou evidenciado na questão 5 do questionário (em anexo), que a grande maioria não respondeu a respeito dos principais fundamentos apresentados no PPP, que é um documento central que todos precisam conhecer e participar ativamente de sua construção.

Outra questão, é referente ao quadro apresentado a respeito da formação dos profissionais, sendo que ele nos mostra que grande parte está em busca constante de aperfeiçoamento, e que muitos já possuem pós-graduação. Todavia, isso não nos garante por si só a qualidade, afinal, além do diploma, é necessário reflexão e comprometimento com a sua prática, principalmente, na Educação Infantil, onde muitos fatos que foram naturalizados, precisam ser repensados e assim, desnaturalizados.

Afinal, “como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional” (BRASIL, 2018, p. 35), de modo que precisa ser reconhecida tanto quanto as demais etapas da Educação Básica.

Acredito que a partir de meus estudos acerca desta pesquisa, poderei contribuir no crescimento da Educação Infantil destas duas Redes, já que faço parte delas e principalmente, a partir das conclusões que tive. Afinal, conforme já havia afirmado, para que os espaços educativos possam crescer, é fundamental que os docentes contribuam para este processo. Desta forma, penso que tenho muito a contribuir a partir dos dados e análises realizadas.

Para finalizar, trago considerações fomentadas em meu crescimento pessoal durante este processo. Por vezes, ouvi muitos dizerem e também já afirmei: “Por que ainda ter que fazer um TCC depois de tantos trabalhos realizados durante a graduação?”. Concluindo esta etapa, entendo o motivo e ainda ressalto a importância, pois foi um momento de grandes aprendizagens, tanto no campo acadêmico, como também para o âmbito pessoal. Afinal, foi durante o decorrer deste processo que, além de conhecimentos sobre o assunto, foi necessário muita responsabilidade e ética, elementos que fazem parte do nosso cotidiano ou pelo menos deveriam fazer.

Ao chegar a este momento do trabalho, percebo o quanto evoluí nestas questões também, já que é necessário comprometimento o tempo todo, principalmente, durante a realização da pesquisa, na qual tive que ir a campo, em busca de respostas provisórias e de novas perguntas. Com a carga horária profissional semanal de quarenta e cinco horas, por

vezes, esse trabalho acabava sendo dificultado, mas foi preciso organização e responsabilidade para conciliar esses momentos, com isso, percebo o quanto cresci e amadureci, pois tive que desenvolver uma certa autonomia pessoal, profissional e acadêmica.

Outro empecilho, muitas vezes, durante a realização do trabalho, era em relação à minha escrita, não em questões ortográficas, mas em desenvolvê-la, pois muitas vezes, inicialmente, fui muito objetiva e simplória. Este foi um grande desafio, no qual percebo que já consegui evoluir, mas que ainda tenho muito a progredir, pois leitura e escrita são exercícios fundamentais, de modo que quanto mais se lê e se escreve, melhor a escrita fica. Iniciei o processo nesse presente trabalho, mas pretendo seguir a partir daqui.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, LBP. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853-08.pdf>> Acesso em: 12 out. 2017.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> Acesso em: 12 out. 2017.

BLOG SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO. **Ilustração de um Mapa**. Disponível em: <<http://saojosedohortencio.blogspot.com.br/2011/12/mapa-do-vale-do-rio-dos-sinos-e-cai.html>> Acesso em: 13 out. 2017.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

BRANDÃO, Zaia; MARAFELLI, Cecilia Maria; RODRIGUES, Priscila Andrade Magalhães. **A formação profissional dos professores**: um velho problema sob outro ângulo. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000300010&lang=pt> Acesso em: 24 nov. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>> Acesso em: 20 set. 2017.

CÂMARA DE VEREADORES DE LINDOLFO COLLOR. **Ilustração de um Mapa**. Disponível em: <<http://www.camaralindolfocollor.com.br/localizacao.php>> Acesso em: 13 out. 2017.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sergio (Org.). **Pedagogia do Cotidiano na (e da) educação infantil**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, v. 30, n. 100. Brasília-DF, 2017.

CORSETTI, Berenice. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. São Leopoldo: **UNIREvista**, 2006.

CORSINO, Patrícia; DIDONET, Vital; NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Educação infantil no Brasil**: primeira etapa da Educação Básica. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.

COSTA, Marisa Voraber. Velhos temas, novos problemas: a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Voraber; BUJES, Maria Isabel Edweiss (Org.). **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gladis. **Educação Infantil: pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

DULLIUS, Vera de Fátima; LUCE, Maria Inez. A profissionalização do(a) educador(a) infantil: formação e condições de trabalho. In: COELHO, Maximila; BRAGA, Vanderlei Bruschi de (Org.). **A função da creche e da escola infantil na formação da criança de zero a seis anos**. Porto Alegre: Evengraf/Verbo Projetos Educacionais, 2016.

GATTI, Bernadete A. **A atratividade da Carreira Docente no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2009.

GATTI, Bernadete A. **Estudos quantitativos em Educação**. São Paulo: Educação e pesquisa, v. 30, p. 11-30, 2004.

LIMA, Rita Carla; SÉRGIO, Maria Cândida; SOUZA, Adriana Cristina de. **A prática docente do professor da educação infantil: contribuições para o desenvolvimento das crianças**. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/9032/6631>> Acesso em: 13 out. 2017.

MAY, Tim. **Pesquisa documental: escavações e evidências**. Porto Alegre: Artmed, ed. 3, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. São Paulo: Cortez Editora, p. 15-34, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LINDOLFO COLLOR-RS. **Dados Gerais**. Disponível em <<http://www.lindolfocollor.rs.gov.br/Historia>> Acesso em: 15 set. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO-RS. **Histórico da cidade**. Disponível em: <<http://www.saojosedohortencio.rs.gov.br/novo/index.php>> Acesso em: 20 set. 2017.

VEIGA NETO, Alfredo. **Anotações sobre as relações entre teoria e prática**. Juiz de Fora: Educ. Foco, v. 20, n. 1, p. 113-140, 2015.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político Pedagógico da escola de ensino médio e suas articulações com as ações da secretaria de educação. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7179-4-4-rojeto-politicopedagogico-escola-ilma-passos/file>> Acesso em: 22 fev. 2018.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. v. 1.

ANEXOS**ANEXO 1 - CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO**

Prezada Secretaria de Educação da Rede Municipal de Ensino de Lindolfo Collor.

Solicito autorização para a realização da pesquisa intitulada “Concepções de educação e de docência na educação infantil: uma análise de propostas pedagógicas de duas redes municipais de ensino”, a ser realizada pela acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Isabel Alexandra Welzel, sob minha orientação.

O objetivo da pesquisa é conhecer as concepções de educação e de docência que balizaram a construção das propostas pedagógicas da Educação Infantil de duas Redes Municipais de Ensino e de que modo os profissionais da educação destas Redes dialogam com tais concepções.

Para tal, a graduanda realizará uma análise documental dos Projetos Político-Pedagógicos da Secretaria e das Escolas de Educação Infantil, realizará entrevistas com responsável pela Secretaria de Educação, e coordenadoras das Escolas de Educação Infantil do Município e enviará questionários para os professores.

Importa dizer que, as identidades serão mantidas em absoluto sigilo e que os dados coletados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Agradecemos antecipadamente a atenção e ficamos à disposição para quaisquer esclarecimentos necessários.

Professora Dra. Viviane Klaus (Orientadora)

Isabel Alexandra Welzel (Acadêmica)

() Concordo com a solicitação () Não concordo com a solicitação

Assinatura do(a) Responsável:

ANEXO 2 – ROTEIRO ENTREVISTA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS ESCOLA DE HUMANIDADES CURSO DE PEDAGOGIA

Entrevista Coordenação Pedagógica

- Você conhece a história da Educação Infantil no município?
- A Rede Municipal de Ensino tem Planos de Estudos? Caso tenha, de que modo ele foi pensado?
- Quais as funções dos (as) diferentes profissionais que atuam na Educação Infantil da Rede (secretaria e escolas de EI)?
- Além da proposta do município, a escola tem sua própria proposta (PPP)?
- Que entendimento de Educação Infantil e de infância o PPP da escola expressa?
- De que maneira os professores tem contato com esse documento? Participaram em alguma instância da sua construção? Quais são as orientações fornecidas a eles a respeito da proposta pedagógica?
- Como e quando os professores têm contato com tais propostas? Que desdobramentos ocorrem das propostas no cotidiano da escola?

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO PROFESSORES



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
 ESCOLA DE HUMANIDADES
 CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário para os professores da Rede Municipal de São José do Hortêncio / Lindolfo Collor

Esse questionário é parte integrante do projeto de pesquisa “**Concepções de educação e de docência na educação infantil: uma análise de propostas pedagógicas de duas redes municipais de ensino**”, desenvolvido como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pela acadêmica Isabel Alexandra Welzel.

Idade: ____ anos.

Formação: _____

1) Quanto tempo trabalha na área da docência?

2) Quanto tempo trabalha na Rede de Ensino de São José do Hortêncio / Lindolfo Collor? _____

3) No seu entendimento, qual é a função da Educação Infantil?

4) Conheces os Planos de Estudos da Rede Municipal de Ensino? Utilizas eles em sua Prática Pedagógica? De que maneira?

5) Conheces o Projeto Político Pedagógico da Escola? Com que frequência tens contato com ele? Quais são os seus principais fundamentos?

6) Baseias tua prática em que Propostas Pedagógicas?

7) Participastes da Construção das Propostas Pedagógicas da Rede de Ensino e da Escola? De que forma?

8) Diferentes profissionais atuam na escola da qual você faz parte. Quais as principais funções de cada profissional (docente, atendente e estagiário)?

9) Rede proporciona formações continuadas? Com que frequência? São importantes para teu crescimento profissional?

ANEXO 4 - ROTEIRO ENTREVISTA COM SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS ESCOLA DE HUMANIDADES CURSO DE PEDAGOGIA

Entrevista secretaria de Educação de Lindolfo Collor

- Eu gostaria de entender um pouco mais a história da Educação Infantil no município. Poderias falar um pouco sobre o assunto?
- Que documentos existem hoje na secretaria de educação que balizam as concepções sobre Educação Infantil no município?
- Tais documentos sempre existiram ou alguns deles foram formulados apenas recentemente?
- Quando surgiram as primeiras propostas pedagógicas do município e com que intencionalidade?
- De que maneira as propostas pedagógicas do município foram pensadas? Basearam-se em que fundamentos? Quem participou da sua formulação?
- Aconteceu alguma ação junto às escolas de construção ou de difusão da proposta pedagógica da Rede Municipal de Ensino? Quais foram as orientações para as escolas a respeito desse documento?
- Como a Educação Infantil está organizada? Quais são as funções dos(as) diferentes profissionais que atuam na Educação Infantil do município hoje?

ANEXO 5 – ENTREVISTA COM AS COORDENADORAS

PERGUNTAS	COORDENADORA 1	COORDENADORA 2	COORDENADORA 3	COORDENADORA 4
<p>Você conhece a história da Educação Infantil no município?</p>	<p>hã, por algumas coisas que eu li então, né, hã em 1989 hã existia Creche Casa Municipal Pequeno Polegar, na época ainda pertencente ao município de Ivoti, hã.. no caso a cidade pertencia a Ivoti, hã ela era assistencialista na época atendia poucas crianças e em 1992 hã então o município se tornou, se emancipou, então pertenceu, então pertencia essa escola a Lindolfo Collor. Em 1999, então ela se constituiu então o nome dela de Escola Municipal de Educação Infantil Pequeno Polegar e logo após surgiu... então foi construída a Escola da Gente Miuda e depois a Escola Paraíso dos Baixinhos. Hoje então, atualmente são três escolas de educação Infantis no município.</p> <p>Isabel: e... tu sabe alguma coisa sobre quando a Secretária começou a cuidar mais das escolas ou...</p> <p>C1: Da rede de educação Infantil?</p> <p>Isabel: Isso</p> <p>C1: (pausa) Eu acho que, na verdade, hã, cuidar assim desde 1999 desde que tomou que o município então tomou posse né, e a partir dali que a que a rede a educação... a rede municipal de educação começou a cuidar das escolas.</p>	<p>Sim, na verdade a nossa escola foi a primeira, né, ela não era naquela época quando iniciou, ela não era escola, era uma casa, Casa Creche, haam, Municipal Pequeno Polegar, que pertencia pra Ivoti e era da assistência Social. Depois foi em noventa e nove que mudou o nome... em noventa e nove mudou e daí que ela começou a ser, daí que passou pra Educação, mas ainda não tinha professores nessa época. Eram monitoras, tinha diretora, tinha secretária, coordenação pedagógica nem se pensava nisso, naquela né... imagina, não tinha nem professores ainda... em noventa e nove isso. Depois, acho que foi dois mil e quatro, não tenho tanta certeza, mas no PPP tu pode tá confirmando, ali tá. hammm... acho que foi em dois mil e quatro que veio os primeiros professores, e daí foi sim, mas também não tinham planejamento nessa época ainda... E aí que vaaaai se pensando em outras coisas. Acho que foi em dois mil e nove, se não me engano, que se mudou um pouco o pensamento e se começou a olhar mais realmente... daí tem o professor, e daí os monitores, então, ficou mais dividido as funções, né?</p> <p>Isabel: E questão de creche para escola foi em dois mil e nove</p>	<p>Assim, pouco conhecimento, assim, da história, exatamente de como tudo começou. Sei que a primeira escola foi a Pequeno Polegar que surgiu, né, antes era, primeiramente, era mais de cuidados, assim... depois que foi se usando alguns critérios pra Educação Infantil. Ahm, mais aprofundado eu não sei muita coisa da história, de como foi essa evolução, mais o básico. Sei então, que a escola mais velha seria a Pequeno Polegar, que tem acho que trinta anos, vai estar fazendo ano que vem, aqui a Gente Miúda tem catorze e a Paraíso, que tem bem recente, tem três anos.</p>	<p>Sim, ela foi criada em noventa e quatro, mas ela só começou a funcionar em noventa e cinco, numa casa, onde ela foi reformada, porém, ali só tinha um galpão velho e uma caixa de areia, e as crianças usavam a escola paroquial para brincar. Aí, em noventa e sete, eles começaram a frequentar um novo prédio até dois mil e catorze quando foi feito essa nova sede, que estão até hoje.</p>

		<p>também ou foi antes já? C2: Foi em noventa e nove, de creche.. de creche, digo no sentido de casa, que de cuidados...</p> <p>Isabel: Mas o nome daí também mudou? C2: O nome mudou ali em noventa e nove. Em mil novecentos e noventa e nove. E aí, o nooome mudou, mas foi gradativo todas as coisas... o funcionamento da escola, a organização ainda foi gradativo.</p> <p>Isabel: Sim, foi só nome no início, então.. C2: Só o nome sim.</p>		
--	--	--	--	--

<p>A Rede Municipal de Ensino tem Planos de Estudos? Caso tenha, de que modo ele foi pensado?</p>	<p>Sim, tem Plano de Estudo. Na época eu ainda não tava na Rede, mas conforme relatos de colegas, né e como consta no próprio plano de Estudo, foi elaborado juntamente com os Professores e o pessoal da equipe administrativa da, da SEMEC, então na época que elaborou o Plano de Estudo.</p> <p>Isabel: E quando que ele foi elaborado? Tu sabe? A última versão que nós temos é 2008, a última versão, ela tá na verdade desatualizada, estamos no processo de reelaboração dele... é em 2018, 2008 perdão foi então a última versão que a gente tem, possui.</p> <p>Isabel: é, tu comentou da reelaboração dele, como que tá sendo assim? C1: estamos num processo, né agora tão com a... base nova aprovada né, há estamos então reelaborando conforme o</p>	<p>Eles tem, sim, ali... eu não tenho certeza pra te dizer se foi em dois mil e nove que foi implantado, tá? Eu não sei dizer, mas tem!</p> <p>Foi coletiva construção dele. Foi sentado e construído junto com, naquela época. Quando foi construído, não lembro o ano, mas foi colhido sim, dos profes, e das famílias, né, e aí o conselho municipal, ali.. foi a Mailene, na época, que ela era a Secretária de Educação, foi ali que foi construído os Planos de Estudos.</p> <p>Isabel: Junto com os professores, daí? C2: Junto com, até onde eu sei, foi junto com os professores.</p>	<p>Sim, a Rede Municipal tem Planos de Estudos, que no momento a gente quer fazer, ta reelaborando esses Planos de Estudos. O mesmo foi elaborado pelos professores, que na época estavam na Rede, pela administração, pela equipe pedagógica da Rede. Foi feito um diagnóstico escolar, na época, e se pensou na comunidade de Lindolfo Collor.</p> <p>Isabel: Sabes o ano em que ele foi pensado? C3: O ano que ele foi pensado, quando ele foi feito foi em dois mil e oito.</p> <p>Isabel: E agora, ele está sendo revisto? C3: Sim, revisto. Primeiro agora vai se olhar pra Base nova, vai se fazer um estudo, um trabalho com os</p>	<p>Sim, eles têm. Eles foram separados por segmentos, tanto que a Educação Infantil está separada por dois, que a primeira etapa é do zero aos três, e depois dos quatro aos cinco anos.</p> <p>Isabel: E ele foi pensado junto com os professores? C4: Sim, eles foram pensados junto com os professores, e os professores ajudaram também na elaboração deles, como participaram tendo reuniões pedagógicas, onde foram feitos, os professores ajudaram a pensar na elaboração deles.</p>
--	---	---	---	--

	<p>que a base também está nos trazendo, é um processo lento, a gente iniciou no ano passado, na verdade, com algumas formações também, há esse ano também estão tendo formações mas a gente está há visando muito essa questão o que a base traz, em cima disso está sendo... acontecendo então essa reelaboração, há juntamente com os professores né e a Rede Municipal também, a SEMEC.</p> <p>Isabel: mas como ta sendo assim, junto com os professores , são reuniões nas escolas ou é todo mundo junto?</p> <p>C1: Há, as reuniões estão acontecendo então, formações oferecidas pela SEMEC, foram algumas na Escola há, como antes já te disse a gente ta no processo vão ter mais reuniões na escola né abordando este tema, e a partir disso terão outros encontros com todas as EMEI's e os professores de cada turma pra gente sentar e reelaborar ele.</p> <p>Isabel: No caso vão ser cada professor das turmas se juntam e pensa para aquela faixa etária?</p> <p>C1: Há, a princípio sim, mas como estamos no caminho vamos ver as sugestões dos professores né, o que que eles vão nos trazer e a gente vai tentar reelaborar da melhor forma e que seja prático e que seja positivo né, que a gente consiga escutar a opinião de, de cada professor.</p>		<p>professores nas escolas pela Base, e depois vai ser visto o Plano de Estudos, porque ele precisa ser atualizado. Tem algumas coisas, até pelas faixas etárias que dentro da parte da Educação Infantil, que é a parte que eu conheço, não está adaptada ao que é a realidade das escolas, já está defasado.</p>	
--	--	--	--	--

<p>Quais as funções dos (as) diferentes profissionais que atuam na Educação Infantil da Rede (secretaria e escolas de EI)?</p>	<p>hã, os monitores na verdade são os que ficam fixos na sala, juntamente com o professor titular, hã ele tem então um, hã tem concurso de 40 e 44 horas, eles que na verdade auxiliam o professor nas atividades né e também a gente sempre da liberdade de o professor escutar as opiniões deles e eles auxiliarem na, hã, dando dicas e opiniões também na, na, pro professor na hora de planejar que a gente acredita que é bem importante eles estarem se comunicando, até porque o monitor é a pessoa referência pras crianças porque ela permanece na sala durante o dia todo.</p> <p>Isabel: Tem também os estagiários? C1: Os estagiários então eles hã, estão com 30h eles auxiliam na hora que o professor então sai pra planejar e esse estagiário entra pra auxiliar monitor</p> <p>Isabel: E... no âmbito mais da Secretária quem especificamente fica mais com a Educação Infantil, assim? C1: A gente teria a Coordenadora Luciane que nos auxilia,</p> <p>Isabel: Ela que dá um suporte pedagógico? C1: Isso, ela que na verdade ta dando suporte pedagógico</p>	<p>Na verdade, tem os professores, né?! A gente tem nas escolas, tem também tanto os professores, quanto os monitores. Um monitor fixo na turma, agora, né, não tem mais estagiário que fica atuando na turma fixo. A gente tem os monitores e tem o professor. Alguns professores dividem turma, né, de manhã e de tarde, e outros professores ficam o dia inteiro, e daí tem os estagiários que entram pra tá auxiliando nos momentos, né, de planejamento, ou então, assim, que nem nos berçários daí a gente tem pra ajudar na papa, né, e no almoço, que são os horários, assim, que precisa mais gente pra ta conseguindo atender melhor as crianças nas necessidades deles, de se alimentar, né, e pra não ser tão rápido a coisa, né, e também pra ninguém ficar chorando.</p> <p>Isabel: E qual é a formação que os monitores precisam ter? É algo específico? C2: Não, os monitores, na verdade, a exigência deles pro concurso é só Ensino Médio. Na nossa escola, hammm, eles tem, todos tem formação ou estão, hamm, estudando ainda, né... mas não é uma exigência, na verdade, isso é um benefício que a gente tem, porque eles se interessam mais, mas na verdade não é uma exigência do município.</p>	<p>Primeiro, a gente tem a Secretaria da Educação, né, ela que é nosso superior. Temos a Secretária de Educação, dona Martina. Temos dois coordenadores pedagógicos que é o Ernani e a Luciane e temos uma diretora que é a Maria Tereza. E dentro das escolas, então, a gente tem o diretor, cada escola tem seu diretor, cada escola tem sua coordenadora pedagógica, ahm, os professores, que todos são auxiliados pelas monitoras e temos também os estagiários que cobrem esses planejamentos dos professores, né, e alguma eventual falta. E mais as serventes merendeiras dentro das escolas.</p> <p>Isabel: Os monitores, no caso, não precisam de uma formação específica, né? C3: Não, os monitores só precisam o Ensino Médio completo, e o estagiário, então, tem que estar cursando Nível Superior.</p>	<p>Então, aqui na Educação Infantil, principalmente, temos os professores, atendentes, temos estagiários, professora substituta, direção, supervisão educacional, temos as cozinheiras e as pessoas que ajudam a cuidar da limpeza.</p> <p>Isabel: E qual é a função, principalmente, daqueles que atuam diretamente com as crianças? C4: A professora de fazer, então, trabalhos com as crianças, trabalho mais pedagógico... desenvolver ao máximo, né, todas as habilidades das crianças. As atendentes estão mais pra auxiliar, pra ajudar na troca também, pra ajudar, ahmm, nos momentos onde o professor está fazendo as atividades, assim, como a estagiária, ela também tem um momento de planejamento, onde ela planeja mais atividades recreativas com as crianças, baseado no que a professora faz no projeto.</p>
---	--	--	---	---

<p>Além da proposta do município, a escola tem sua própria proposta (PPP)?</p>	<p>(pausa) Sim, a escola possui o PPP, a Escola então foi criada, ela foi fundada em 2015, foi em 2016 que ela então... o PPP foi elaborado né, foi finalizado, há em 2017 a gente reelaborou ele em função de algumas, há organizações de turmas que gente acabou não tendo mais os Jardins então e a, a gente reestruturou ele um pouco.</p> <p>Hum, na época eu não tava na escola peguei um pouquinho o final da conclusão dele, mas segundo o que a diretora também nos passou e colegas né, minhas colegas também foi há montado assim com os professores, foi dividido em grupos né, e foi feito levantamentos também com as famílias mas foi envolvido sim os professores na elaboração e depois que cada grupo então foi... há... fez a sua parte durante uma formação, reunião pedagógica, foi juntado, foi reestruturado, montado junto com eles.</p>	<p>Teeem.</p> <p>Isabel: E como ele foi construído?</p> <p>C2: Também foi construído com os profes, não é algo tão recente... ele foi construído em dois mil e catorze, e... assim, o ano passado a gente começou a mexer, porque tem muuuuita coisa que precisa ser melhorada nele, ainda mais agora com a nova Base, né?! A gente já tinha mexido, mas agora a gente ve que a gente tem que de novo, porque tem várias questões que precisam ser olhadas, principalmente com relação ao cuidado e à aprendizagem, porque a gente precisa ter ali dentro. A gente não tem dividido e é uma coisa que os profes já trouxeram, que a gente já conversou bastante em formação, em questão de reunião pedagógica, sobre essa questão de tá definido ali questões de cuidado, sobre o que a gente pensa de sono, o que a gente pensa de alimentação, o que a gente pensa de adaptação, porque nada disso tá especificado no nosso PPP. E a gente sente necessidade de estar melhorando nesse sentido, mas haaam, ele, a gente tem sim aqui na escola. Assim, pra dirigir o trabalho! Ele tá dentro dos Planos de Estudos do que era, a gente tem ele voltado no que era antigamente, porque os Planos também estão sendo reformulados.</p> <p>Isabel: Ele foi baseado, então, no que a rede propõe?</p> <p>C2: Sim, foi pensado a partir do que a rede tinha, né!?</p>	<p>Sim, a escola tem o próprio PPP, né, que também foi construído com a comunidade e os professores, junto com a equipe de profissionais dentro da educação da escola, que são os monitores, os estagiários e os professores. Hoje, o PPP da escola ele é de dois mil e catorze... quando, ahm, assumi a coordenação ano passado, era uma necessidade que a gente viu que precisava ser atualizado, mas ano passado a gente não conseguiu fazer, e esse ano, a gente está estudando como vai ser feito. Ele vai ser estudado no segundo semestre desse ano, isso já tem no nosso planejamento, que ele vai ter que... que tá um pouco defasado, muitas informações que não atendem mais a nossa demanda. Mas esse ano ele vai ser junto com os professores e com os pais também... a gente envolve a comunidade também.</p>	<p>Sim, nós temos o PPP da escola, que foi elaborado também junto com os professores</p>
---	--	--	---	--

<p>Que entendimento de Educação Infantil e de infância o PPP da escola expressa?</p>	<p>Na verdade o entendimento que traz então que é o local de criação, movimento e ação, há que tem a atividade do desenvolvimento integral da criança. E traz então como infância como uma etapa né, na verdade muito importante onde se proporciona muitas vivências, conhecimentos, criações, há, tudo isso através do brincar de uma forma bem significativa e lúdica.</p>	<p>Fala sim, a gente tem... haam, ali fala um pouquinho, assim, na verdade, bem generalizado, não tem específico, mas sim. O que a gente acredita, o que que é importante dentro da escola, de que forma vai seguir o trabalho dos professores dentro da escola, sim, a gente tem isso no PPP.</p> <p>Isabel: Sabes me dizer um pouco sobre o que diz ali no PPP a respeito disso? De qual entendimento de Infância e Educação Infantil que ele trás?</p> <p>C2: Sobre a questão do brincar, que é fundamental na Educação Infantil, de que a gente acredita nisso, e que todo trabalho aqui na escola vai ser voltado pra isso. Sobre a questão da autonomia, né, da interação, que é muito pro lado social, muito da proposta é voltado nesse sentido, né, interacionista, então, hamm, vai mais de encontro a esse sentido, daí.</p>	<p>O PPP trás bastante a importância do brincar, ele expressa isso bastante, que é muito importante que a criança... o lúdico, a ludicidade, o brincar dentro da Educação Infantil, isso que ele trás. Acho que olhando bem o olhar sobre a criança, assim... tem que olhar pra criança pra tu saber qual é o norte que tu vai tomar, e muito pelo brincar. E também, a gente vai estar nesse primeiro semestre estudando a Base, pra no segundo semestre, colocar alguns elementos da Base que não estejam no PPP. No primeiro momento queríamos fazer o PPP, mas daí entrou, então a Base nova... então, não, vamos mudar, vamos olhar primeiro a base, pra depois a gente poder fazer um trabalho melhor em cima do PPP.</p>	<p>Assim, ele é bem abrangente, porque a gente quer que seja desenvolvido o máximo a capacidade da criança, que seja os aspectos físicos, intelectuais, psicológicos deles, e também os sociais, porque a gente quer criar seres que sejam autônomos e que possam também, ahmm, viver na sociedade... que serão uma criança crítica e autônoma no meio em que ela vive, né. E realmente, é desenvolver ao máximo possível de todas as capacidades que ela tem, assim, explorar, conhecer e viver o que tá acontecendo.</p>
---	---	--	---	--

<p>De que maneira os professores tem contato com esse documento? Participaram em alguma instância da sua construção?</p>	<p>Hã, esse documento então encontra-se impresso na escola né, hã a gente sempre hã quando o professor ou a pessoa né, nova entra na escola a gente apresenta o PPP pra ele, pra eles né hã... e explica também um pouquinho do que ele traz e depois a gente também pede que eles a se apropriem do que o PPP tá trazendo pra que eles também se hã vejam de que forma e a proposta ela tá trabalhando e pensando.</p>	<p>Na verdade, eles tem, tem uma cópia na sala dos profes, a gente tem lá na estante, a gente tem virtual, assim que... o ano passado eu passei pra eles, esse ano não deu, e para os novos tem aqui na minha sala, e tem lá também, então, o documento impresso. E claro, que como a gente tava trabalhando, então, a gente mexeu nele, E eles tinham partes dele assim, né, soltos, porque a gente tava olhando pra ele.</p> <p>Isabel: Aí ele foi dividido por grupos pra estudar sobre ele?</p> <p>C2: Pra eles estarem olhando, principalmente, as questões... a gente dividiu por questões, né, então, eles foram, hamm, receberam partes pra tá olhando como era o que que a gente quer a partir daquilo ali e como a gente pode pensar diferente. O que falta, daí dentro daquilo ali, né.</p>	<p>O documento, ele fica, tem um documento aqui na secretaria, tem outro documento na sala de professores, né, eles podem ter contato quando quiserem, mas eu às vezes, eu brinco com eles, ahmmm, ‘não se baseiem em tudo que tá no PPP... qualquer coisa vocês me perguntem’ (risos) mas eles tem contato livre... alguns me pedem muitas vezes, o que acontecem muito com professor novo, quando entra, assim, eu vejo que ele pergunta primeiro sobre os Planos de Estudos e sobre PPP da escola, pra poder se nortear, porque na verdade, é o norte que eles tem, né.</p> <p>Isabel: Mas daí tu brinca com eles, no sentido de que ele está defasado?</p> <p>C3: É, eu sempre digo.. quando a gente diz que não está totalmente atualizado, é em questão de funcionários, porque isso tudo apresenta dentro, né. E questões, às vezes, ahmmm, como, por exemplo: quantos funcionários tem... o que no PPP hoje, não está certo, até o próprio nome do diretor não tá atualizado no PPP... seria um dado pequeno, mas serve como exemplo.</p>	<p>Assim, cada uma tem o seu PPP na sala de aula, também tem aqui disponível na secretaria, então, sempre que elas querem, elas têm acesso, elas podem vir ver e olhar, ficar bem à vontade, assim. E também, a gente, né, quando elas elaboram o projeto delas, né, elas se baseiam muito no que tá em cima do PPP pra explorar ao máximo possível as capacidades.</p>
---	---	---	--	---

<p>Quais são as orientações fornecidas a eles a respeito da proposta pedagógica?</p>	<p>Ahmm, ta, então, a gente, ahmmm, passa, né, que a proposta da escola, proposta do PPP é tornar a criança um ser ativo, crítico, autônomo e participativo na sociedade. Aã, dessa forma, então, a gente pede, então, que os professores na parte do planejamento, né, proporcione e (pausa)... para as crianças experiências bem significativas, onde elas possam criar, experimentar, imaginar e interagir de forma lúdica através do brincar.</p>	<p>A gente sempre fala, todo início de ano, ou quando entra alguém novo na escola, a gente senta e explica tudo como funciona, o que que a gente acredita, qual a proposta da escola... Sempre é passado pra eles, e eles recebem, umaa, então, uma cópia disso, né, resumo do que tá no PPP. Todos recebem no início do ano, ou então, gradativamente, como vão entrando na escola, eles vão recebendo... o que que a gente pensa, de que forma a gente trabalha, porque a gente trabalha por projetos, então, a gente sempre senta e vai... o que que a gente pensa sobre os momentos de interação, nas turmas, no pátio, então, em todos os locais de como funciona, de tuuuudo isso, que muita coisa não tá também no PPP, né, mas a gente vai incrementando, de coisas que gostaríamos que estivessem no PPP. Daí vai a cópia junto em mãos, e vai o que a gente gostaria, mas ainda não está documentando, mas está no nosso diálogo, ou então, nas nossas conversas.</p>	<p>Essas informações, a gente sempre trabalha nas reuniões pedagógicas, né, a gente pede que eles olhem o Plano de Estudos da escola, do município... que eles olhem a parte do PPP, nesse caso também, mas também que se olhe no momento a Base também, que a gente trás bastante informações, pra eles estarem estudando... É... (pausa) a gente procura, assim, também, sempre trazer nas reuniões, alguma, alguma coisa de informação, assim.... sobre os projetos construídos a partir do Programa A União faz a Vida. A gente tenta trazer essas informações nas reuniões pedagógicas, né. Tem muita coisa individual que a gente passa na sala de professores, especialmente, com os professores, assim, que a gente usa o horário de planejamento deles, assim, pra fazer um trabalho mais específico com cada professor. Às vezes, algum professor tem mais dificuldade em uma área, ahhm, né, ou , ahmm, quer saber mais sobre uma coisa, então a gente faz isso mais individual, muitas vezes, assim. Isso funciona bastante.</p> <p>Isabel: As propostas são passadas mais em conversas individuais, então?</p> <p>C3: É, as propostas, que digo, são passadas no grupo, em</p>	<p>Que elas usem, né, e baseiem, realmente, assim, os projetos, as aulas delas em cima do PPP, já que ele foi elaborado em conjunto... que ele também seja, né, usado ao máximo possível no seu trabalho diário.</p>
---	---	---	--	--

			<p>um primeiro momento, e as maiores dúvidas, eu sinto que eles não se sentem tão à vontade em estar expressando no grande grupo, então, no individual funciona melhor. Geralmente, então, naquele momento do planejamento, é que eles tiram essas dúvidas maiores. Dúvidas, às vezes, que eles têm, que eu ainda não sei solucionar, e daí geralmente, eu vou procurar alguma ajuda também, né, tanto na Secretaria, como em algum livro que possa me orientar.</p>	
--	--	--	--	--

<p>Como e quando os professores têm contato com tais propostas? Que desdobramentos ocorrem das propostas no cotidiano da escola?</p>	<p>Sim, ocorrem... ãhm, as professoras são bem criativas.. ãhm, elas na verdade pensam e criam o materiais também pra ser oferecido pras crianças. Oferecem materiais diferenciados, ahm, e em espaços diferenciados, ãahmm... de forma bem positiva, onde estimule a imaginação, a criatividade das crianças.</p> <p>Isabel: Então, na verdade, tu percebe dentro da prática das professoras que as propostas do PPP estão englobadas?</p> <p>C1: Sim, sim. Claro que sempre tem coisas a ser aprimoradas, né, mas dentro do cotidiano, assim, a gente percebe sim, e a gente também tá sempre em busca do conhecimento, né... nesses momentos também, né, na coordenação auxilio, né, no que elas precisam, mas a gente percebe sim uma preocupação quanto a isso.</p> <p>Isabel: E quando os professores têm contato com essas propostas? Tem algum momento específico que elas têm esse contato?</p> <p>C1: ãhm, na verdade, esse contato no geral, a proposta em si, ela é... acontece em reuniões pedagógicas, ahm, formações oferecidas também pela SEMEC com temas, trazidos através de temas a serem abordados. E através disso, percebe-se também suas práticas, né... que elas sempre procuram proporcionar através do</p>	<p>Acredito que muito que tá no PPP sim... é que na verdade, o que que acontece... Tudo o que tá, a gente vê que tem muita coisa, porque a gente tá tendo muita formação, né, então o que acontece... a gente tem formações, mas nosso PPP não tá de acordo ainda com... Difícil responder essa pergunta, porque que que acontece, como ele não foi reformulado ainda, ele não tá batendo muito com as formações que a gente tá tendo e como tudo que a gente tá construindo junto. E as práticas sim, estão de acordo com o que tá la no PPP, porque eles já tão trazendo isso, mas muitas coisas foram incrementadas, que estão além dele. Além do PPP, porque ele tá um pouco desatualizado, bastante, na verdade. As práticas estão mais atualizadas que o PPP. Então, é nesse sentido, mas sim tá e a gente, na verdade, acho que a gente tá muito melhor do que tá ali no PPP (risos), porque ele tá, realmente, em dois mil e catorze, a gente tem toda uma outra visão, a Educação Infantil, até a idade deles, era até cinco anos que eles ficavam na escola, depois mudou, e agora não ficam mais até essa faixa etária. Mudou as faixa etárias nas turmas, porque houve ali a mudança.</p>	<p>Sim, no geral sim. A gente vê que os professores se esforçam pra tá estudando, que é uma coisa que a gente faz bastante, que eles tem que tá sempre se atualizando das coisas, né. Eu, como coordenadora, também preciso estar me atualizando... a gente vê que a cada ano surgem coisas novas, maneiras diferentes... a própria Base, agora trás isso muito, e a gente percebe que eles se esforçam bastante. Que o que eles estão colocando em seu planejamento, estão colocando em prática, não fica só no papel, né. E isso, a gente vê bastante, assim, até não sou uma coordenadora que busca toda semana o caderno de planejamento pra conferir, eu prefiro entrar em sala e ver se isto está acontecendo, né, porque acho que no papel tudo aceita... muitas vezes, as pessoas colocam no papel, mas na prática não funciona. E esse contato direto, acho que é mais, dá um retorno maior. E eu sempre peço pra eles, dependendo da atividade que eles vão fazer, que é mais difícil de fazer entre duas, eu peço que me avisem, pra poder participar da atividade com eles, e às vezes, até pra dar alguma ideia, ou eles, próprios, me dão alguma ideia que eu possa usar dentro da escola. Acho que a prática é mais produtiva, tu tem as respostas</p>	<p>Muitos professores, tá na prática, usam o que tá escrito, mas como a formação cada um fez num lugar diferente, às vezes, acontece de, né, 'ai eu gosto mais de ir por essa linha, né', outros seguem mais por aquela linha, mas a princípio todos em algum momento se encontram, né... claro, que, às vezes, acontece, ah, usa uma coisa que não tá, mas a princípio todos se encontram em algum ponto.</p>
---	---	---	---	--

	<p>aprendizado dessas novas... do conhecimento que adquiriram, oferecer também essas experiências para as crianças experiências bem significativas, né, e acredito também que faça elas refletirem muito sobre suas práticas diárias, né.</p> <p>Isabel: Essas formações são fornecidas pela Secretaria, daí, normalmente?</p> <p>C1: Ahhm, com palestrantes, né, normalmente são oferecidas pela secretaria sim. Esse ano, até, a própria Secretaria está oferecendo mais momentos, né.. ahm, quanto escola também tentamos oferecer, ahmm, às vezes, trazendo pessoas de fora, mas em função de custo, né, a escola, normalmente, não custear, mas, sim, já fomos com um grupo de professores no Mirabolando, já fomos com um grupo de professores até na própria Brinquedoteca da Unisinos, fazendo atividades diferenciadas na própria escola, com temas, ahhm, que o próprio PPP trás da escola, abordando e trabalhando isso.</p> <p>Isabel: Na intenção, de que na prática aconteça o que é abordado no PPP, isso?</p> <p>C1: Isso, para que na prática aconteça o que trás no PPP.</p>		<p>mais rápido... não que eu não olhe o caderno de planejamento, não que eu não olhe os papéis, mas eu acho que o acompanhamento em sala, e não é um acompanhamento em sala de estar observando o professor.. mas às vezes, de entrar pra dar um recado, tu observa mais do que se ficar uma meia hora dentro da sala de aula.</p>	
--	--	--	--	--

ANEXO 6 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, Isabel Alexandra Welzel, aluna do curso de Pedagogia da UNISINOS, sob orientação da professora Dra. Viviane Klaus, estou realizando a pesquisa “Concepções de educação e de docência na educação infantil: uma análise de propostas pedagógicas de duas redes municipais de ensino”. O estudo tem como objetivo conhecer as concepções de educação e de docência que balizaram a construção das propostas pedagógicas da Educação Infantil de duas Redes Municipais de Ensino e de que modo os profissionais da educação destas Redes dialogam com tais concepções.

A sua participação é voluntária e consiste em participar de uma entrevista, relacionada a aspectos referentes a Educação Infantil e às Propostas Pedagógicas do município.

Você poderá desistir de participar deste estudo a qualquer momento. Os dados coletados são confidenciais e somente serão utilizados para os fins desse estudo. A participação na pesquisa não lhe oferece risco algum e sendo que na divulgação dos dados sua identidade será preservada, não havendo a identificação dos nomes dos participantes da pesquisa.

O termo de consentimento será assinado em duas vias, sendo que uma ficará em posse do participante e a outra com o pesquisador responsável pela pesquisa.

Assinatura do participante

Local e data

Professora Dra. Viviane Klaus - orientadora

Isabel Welzel-acadêmica

ANEXO 7 - RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS ENVIADOS AOS DOCENTES

Idade:

- 25 anos.
- 21 anos.
- 25 anos
- 35 anos
- 28 anos
- 35 anos
- 24 anos
- 40 anos
- 33 anos
- 26 anos
- 35 anos.
- 38 anos.
- 33 anos.

Formação:

- Curso Normal em Nível Médio e Pedagogia;
- Pedagogia e Pós Graduada em especialização em Educação Infantil;
- Pedagogia e cursando Pós Graduação;
- Pedagogia e Especialização em Gestão Escolar Orientação e Supervisão;
- Normal Superior em Educação Infantil e Pós Graduação em Educação Infantil;
- Pedagogia;
- Gestão e Supervisão - Unisinos e Especialização em formação continuada de professores – UFPEL;
- Curso Normal e Pedagogia
- Magistério e Pedagogia
- Pedagogia e Pós-graduação em Neurociência e Educação
- 3 magistério – outras pedagogia e 6 com pós
- Pedagogia e Pós Graduada em Psicopedagogia
- Pedagogia
- Pedagogia e Educação Física – Pós graduada em Prescrição Exercício Físico.

1) Quanto tempo trabalha na área da docência?

- 7 anos;
- 7 anos;
- 5 anos;
- 7 anos;
- 13 anos;
- 10 meses;
- 17 anos (2 meses na Ed. Infantil);
- 11 anos;
- 11 anos;

- 10 anos;
- 6 anos;
- 12 anos;
- 15 anos;
- 9 anos;

2) Quanto tempo trabalha na Rede de Ensino de Lindolfo Collor?

- 1 ano;
- 3 anos;
- 3 anos;
- 2 anos;
- 13 anos;
- 7 anos e 8 meses;
- 17 anos;
- 4 anos;
- 10 anos;
- 11 anos;
- 4 anos;
- 4 anos;
- 1 ano e 3 meses;
- 4 anos;

3) No seu entendimento, qual é a função da Educação Infantil?

- Ajudar a criança a desenvolver diversos aspectos que ao não frequentar a Educação Infantil ela talvez, não desenvolveria. Também tem como função proporcionar a exploração e o contato com diferentes materiais e culturas. Além de aprender a conviver com pessoas que não fazem parte do grupo familiar.
- É importante no desenvolvimento e sociabilidade, capacidade cognitiva da criança. É a primeira etapa da Educação Básica, portanto importantíssima para o crescimento do ser humano.
- Sua função é fazer com que a criança tenha a oportunidade de estar em um ambiente social que lhe proporcione uma infância rica, repleta de aprendizagens significativas, interações e experiências culturais.
- Acredito numa preparação da criança para a função social, onde ela vai aprender a conviver, explorar, vivenciar aprendizagens que “levará” para a vida.
- Auxiliar as crianças em seu desenvolvimento integral;
- A Educação Infantil tem por finalidade, promover o desenvolvimento da criança, levando-se em consideração os aspectos físico, psicológico, intelectual e social. A Educação Infantil é ainda, um complemento das ações da família.
- Por ser a primeira etapa da educação básica, esta deve contemplar a socialização, capacidades físicas, cognitivas, afetivas; estimulando a criança a desenvolver-se em todas as áreas no seu próprio tempo.
- Desenvolver de forma integral a criança contemplando o educar e o cuidar, ressaltando que devemos saber que é papel do profissional da educação infantil lutar para que seja

proporcionado o conhecimento às famílias para que as mesmas trabalhem em conjunto conosco.

- A educação infantil é a primeira etapa da educação básica. É nessa fase que a criança começa a desenvolver suas capacidades físicas, cognitivas, afetivas, estética, ética, de relacionamento interpessoal e de inserção social. O período é tão importante que a educação infantil é um direito garantido por lei.
- A função da Educação Infantil é desenvolver a socialização e a autonomia das crianças, nesse espaço em que elas podem ter diferentes experiências e novas aprendizagens, pois têm o direito de brincar, conviver, participar, explorar e conhecer-se.
- A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, é nessa fase que ela começa a desenvolver suas capacidades físicas, cognitivas, afetivas, relacionamento interpessoal e inserção social e é a função da escola conduzir de maneira adequada esse desenvolvimento tão importante.
- A Educação Infantil é a primeira e a principal etapa da educação básica na vida da criança; a função da mesma é educar – complemento da família e o ensinar – transmitir conhecimentos. Proporcionar às crianças momentos diversificados de brincadeiras, interações, onde os mesmos possam ter a capacidade de inventar mundos, construindo assim a sua identidade.
- A função é auxiliar no desenvolvimento integral da criança, cuidar, educar, entre outros.
- A educação infantil tem a função de valorizar os conhecimentos adquiridos na família e proporcionar novas possibilidades de experiências e aprendizagens, voltadas, principalmente, ao lúdico/brincar.

4) Conhecemos os Planos de Estudos da Rede Municipal de Ensino? Utilizamos eles em sua Prática Pedagógica? De que maneira?

- Conheço os Planos de Estudos da Rede e é a base para a realização do meu planejamento juntamente com o interesse e necessidade das crianças.
- Sim, utilizo durante as atividades que proponho no dia a dia.
- Sim, conheço os Planos de Estudos e utilizo o mesmo durante a elaboração de projetos. Através dele é possível analisar o que é importante e necessário para cada faixa etária.
- Infelizmente o Plano de Estudos está muito desatualizado, sendo necessário ter o conhecimento sobre ele, mas adaptando as atividades necessárias para o desenvolvimento da criança, a partir do PPP e BNCC.
- Sim. Eles são um norte para desenvolver nossa prática. No momento os de Lindolfo estão sendo reformulados, por causa da BNCC e está um pouco confuso.
- Minha prática pedagógica condiz com os objetivos apresentados nos Planos de Estudos do Município. Procuro promover diferentes momentos, desde a rotina da turma, às atividades livres e dirigidas, de forma que contemplem esses objetivos.
- O plano de estudo está defasado (2011), porém este é usado para a elaboração do planejamento semestral da turma.
- Conheço pouco, admito que poderia me aprofundar mais, mas o utilizo para saber a direção (norte) a seguir, e qual próximo passo dar, como por exemplo saber qual é o objetivo proposto (currículo) a se trabalhar com a turma.
- Sim. Sim, na minha prática utilizando os objetivos para a educação infantil propostos no Plano de Estudos.

- Conheço e utilizo. Os planos são utilizados em minha prática como um “norte”, condutor da minha prática. A partir dele explomo diferentes formas de aprendizagem.
- Sim, tenho acesso ao Planos de Estudos e são utilizados no meu trabalho, pois é através dele que nos guiamos. Ele é o nosso apoio para nortearmos o nosso trabalho.
- Sim, utilizo nos meus planos pedagógicos diários e nos projetos pedagógicos.
- Sim, uso como forma de orientação e na hora de escrever pareceres e projetos.
- Conheço e uso na elaboração das atividades para os projetos que são realizados durante o ano, utilizando os planos de estudos como norte / objetivos de cada atividade pensada.

5) Conhecês o Projeto Político Pedagógico da Escola? Com que frequência tens contato com ele? Quais são os seus principais fundamentos?

- Conheço, mas não tenho contato com ele, pois existe a necessidade de atualizá-lo.
- Sim, raramente, pois está em mudança.
- Sim, conheço o PPP da Escola. Penso que é importante o educador ter feito a leitura deste documento para conhecer as propostas, filosofia e metodologia de trabalho do ambiente em que está inserido, pois cada instituição tem a sua realidade e maneiras distintas de trabalho.
- Sempre que necessário, tendo como principal fundamento o explorar e o brincar.
- Sim, na verdade ele não está disponível na sala dos professores. Quando necessito olhar vou atrás dele.
- Conheço o PPP da escola, mas não tenho contato frequentemente. Seguem os principais fundamentos:
 - Desenvolvimento integral da criança através de (boa alimentação, sono suficiente, espaço próprio, ser amada, ter limites, liberdade, segurança e respeito);
 - Importância do brincar, possibilitando a exploração do que está à sua volta, construindo saber e reprodução da sua própria vida;
 - Compreender a criança na sua singularidade e diversidade;
 - Interação com o outro e com o meio;
 - Processo de ensino e aprendizagem através de projetos;
 - Professor mediador;
 - Interação entre escola e família;
- Os principais fundamentos são priorizar o lúdico, o brincar e assim o desenvolvimento integral da criança;
- Conheço pouco, pois estou apenas um ano na escola, inclusive ano passado ganhamos uma tarefa de sugerir questões para ser enviadas às famílias, mas acabamos por não discutir as mesmas, por este motivo naquele período acabei por ler e aprofundar-me um pouco nele.
- Sim. Geralmente na construção dele. Os fundamentos éticos-políticos, epistemológicos e didáticos-pedagógicos.
- Conheço. Não tenho contato frequente, pois como conheço sei no que me basear. Os principais fundamentos são o desenvolvimento pleno do aluno.
- Conheço o PPP da escola, porém tenho pouco contato com ele.
- Sim, conheço o projeto político pedagógico. Tenho contato quando sinto necessidade.
- Da escola atual ainda não conheço.

- Sim, conheço. Debates sobre ele em algumas reuniões pedagógicas e também utilizo na elaboração dos Projetos anuais. Ele define a identidade da escola e indica caminhos para uma educação de qualidade.

6) Baseias tua prática em que Propostas Pedagógicas?

- Nos planos de estudo do município e agora, com a BNCC e com a realização de projetos que acredito serem do interesse e necessidade das crianças, posteriormente, quando for reelaborado, com o PPP da escola.
- Em vários autores, como também na Base Nacional Curricular.
- É importante ter conhecimento sobre o Referencial Curricular, Planos de Estudos, PPP e Base Curricular para que as propostas pedagógicas sejam contempladas nas diversas áreas do conhecimento, envolvendo o brincar como principal motivador do processo de ensino – aprendizagem.
- Nas propostas do próprio PPP.
- No PPP e nos Planos de Estudos.
- Minha prática é baseada, principalmente, na teoria sócio interacionista onde professor e aluno aprendem um com o outro, no entanto, não sigo apenas uma linha teórica. Procuro filtrar as informações que concordo e utilizo os pontos positivos de diferentes teorias e que venham agregar à minha prática.
- A proposta pedagógica da rede é baseada na metodologia de projetos.
- Acredito que estamos em constante construção por isso se adaptar sempre que necessário no público, na realidade da comunidade e com isso nos objetivos a serem traçados esta como prioridade na minha prática.
- No pensamento empírico e construtivista.
- Sim, a medida que estudamos para por em prática e construir novas formas de aprendizagem.
- Trabalhamos através de projetos, onde as curiosidades e necessidades das crianças são atendidas.
- Baseio-me nas teorias específicas da área, principalmente, na teoria construtivista, ou seja, professor x aluno, partindo do interesse das crianças.
- Não tenho uma linha específica que sigo, sempre tento me ater aos planos de estudo da escola, aos PCN's, projetos político pedagógico e gosto muito das orientações de Paulo Freire.
- Sócio – interacionista que consiste em uma educação mais dinâmica colocando as crianças em uma posição ativa.

7) Participastes da Construção das Propostas Pedagógicas da Rede de Ensino e da Escola? De que forma?

- Estamos trabalhando na reelaboração dos Planos de Estudo do município e começaremos no PPP da escola. Através de reuniões pedagógicas e formações continuadas.
- Estou participando, dando sugestões do que acredito ser necessário para o bem desenvolvimento dos bebês.
- Acredito que as Propostas Pedagógicas necessitam de mudanças e atualizações anualmente de acordo com a realidade do município. Essas são feitas durante as reuniões pedagógicas, juntamente com os professores.
- Sim, conhecendo mais sobre a comunidade.

- Sim... da rede estamos reformulando agora e da escola nos inteiramos da comunidade escolar para conseguir auxiliar.
- Foram realizados momentos de reflexão e conversa, sendo possível fazer apontamentos e das sugestões.
- Sim! Participamos de formações e reuniões para a reelaboração do plano de estudos baseados na BNCC. “em andamento”.
- Sim, dando sugestões e opiniões nas formações, bem como em minha prática.
- Da escola sim. Na elaboração e participação do diagnóstico.
- A construção das propostas da rede e escola estão em construção ainda, e eu estou participando.
- Sim. Refletindo coletivamente durante as nossas reuniões pedagógicas, opinando e ajudando na elaboração.
- Sim, debatemos em reuniões pedagógicas.
- Acredito que de alguma forma sim nas reuniões, nas conversas de turma.
- Na reelaboração dele sim, durante reuniões pedagógicas formando grupos para construir cada item que precisa conter nele.

8) Diferentes profissionais atuam na escola da qual você faz parte. Quais as principais funções de cada profissional (docente, atendente e estagiário)?

- Acredito que devemos trabalhar em equipe, todos em sintonia. O docente faz o planejamento e juntamente com seu atendente executa as atividades, mas nada impede que o atendente ajude a elaborar projetos, atividades, entre outras coisas. Geralmente, o estagiário substitui o professor quando esse sai da sala para planejar.
- Docente = planeja, administrar o dia a dia das crianças, incrementando a aprendizagem;
Atendente = auxiliar o docente;
Estagiário = substituir ou auxiliar o docente;
- Cada profissional possuem suas funções diferenciadas. Ao docente cabe a organização de projetos, atividades, brincadeiras, plano de aula e elaboração de relatórios o atendente e estagiário participam destes momentos, porém somente acompanham e auxiliam no que é necessário.
- Interagir com as crianças, por meio do lúdico, rotina, exploração.
- Docente – interagir com as crianças, buscando atender os objetivos propostos e o desenvolvimento de cada faixa etária. Preparar as aulas, os objetivos e o que será aplicado. Estagiário/monitor – acredito que tem as mesmas funções, exceto a parte da preparação das aulas.
- Docente: Elaborar e cumprir o plano de trabalho conforme a proposta pedagógica de ensino, desde o planejamento de atividades para a faixa etária em que atua, até a execução das mesmas. Realizar ainda tarefas que fazem parte da rotina de cada turma (trocas de fraldas/roupas, alimentação, o cuidado, dentre outras).
Atendente/monitora: geralmente são fixas em uma turma, auxiliando a (o) docente na execução do plano de trabalho. Assim como o docente, a atendente também é responsável pelos cuidados básicos que uma criança da Educação Infantil exige.
Estagiário: Auxilia a professora e a atendente em momentos em que a turma exige uma demanda maior de atenção, como em atividades com algum material diferente (melecas,

tintas) e também entra na turma para cobrir os planejamentos da docente, ficando acompanhada pela atendente.

- Professores titulares (25h) = titular da turma
 - Monitores (40h) = fixos na turma
 - Estagiários (30h) = auxiliam na turma
- As funções na educação infantil assim como na educação em Geral (nacional) por vezes se confundem, por exemplo quando há um professor em sala o atendente e o estagiário tem o papel de auxiliar e o mesmo de coordenar e guia-los, bem como planejar e executar suas atribuições no cuidar e educar, entretanto quando o mesmo não está, caem sobre eles certas responsabilidades que não fazem parte de atribuições.
- São todos agentes ativos na formação das crianças. O professor é o gestor e com a colaboração dos demais profissionais influencia, orienta, motiva, conduzindo, avaliando, executando experiências, eventos e projetos.
- Acredito que as funções desses profissionais é a mesma, cada um com a sua responsabilidade, dando suporte e aprendizagem aos alunos.
- Todos os profissionais tem como objetivo o bem estar da criança, tanto no cuidar como no educar. A criança em primeiro lugar em todos os aspectos.
- Docente: um mediador da aprendizagem que traz para as crianças propostas de atividades lúdicas, onde os conhecimentos possam ser adquiridos e construídos. Atendentes: auxilia o professor nas diversas tarefas. Estagiário: auxilia o professor, atendente como também coloca em prática o que está aprendendo.
- Acredito que atendente é a pessoa que auxilia o professor no dia a dia e faz várias funções no ambiente escolar. Estagiário também auxilia o professor com práticas pedagógicas e está aprendendo. Professor é o responsável pelas atividades pedagógicas, turma, etc.
- Docente: papel de ensinar e educar / cuidar;
 - Atendente: auxilia o docente;
 - Estagiário: põe em prática o que está aprendendo;

9) Rede proporciona formações continuadas? Com que frequência? São importantes para teu crescimento profissional?

- A Rede Municipal de Lindolfo Collor proporciona formações continuadas e acredito que são importantes, porque sempre temos a aprender. O município tem uma carga horária de formações que cumpre durante o ano.
- Sim, várias vezes durante o ano. Penso que é de extrema importância, pois sempre temos algo a aprender.
- Sim, a rede proporciona. Normalmente uma formação mensal. Acredito que seja importante para atualização e reflexão de nossa prática diária.
- Sim, tudo é proveitoso quando se é possível adequar para a faixa etária e realidade da escola.
- Sim. Semanalmente (reuniões). Sempre procuramos tirar proveito de alguma coisa, mas é necessário adequar para a realidade em que se está inserida naquele momento.
- A Rede proporciona diferentes momentos de formações e com diferentes temáticas. No geral, essas formações são produtivas e me fazem refletir bastante sobre a minha prática. Também consigo extrair ideias e sugestões para aplicar em sala. Considero-as super válidas.

- A frequência com que a rede oferece formações é baseada na demanda das escolas. As formações são pertinentes e importantes para o crescimento profissional.
- Sim. Reuniões pedagógicas semanalmente, seminário e Fórum uma vez por ano.
- Proporciona, elas antecedem a cada dois meses. Estas formações são fundamentais para a continuidade da formação do professor, o qual deve sempre estar se aprimorando.
- Sim, a rede oferece várias formações e certamente contribuem muito para refletirmos sobre o nosso trabalho na sala de aula.
- Sim, sempre que o grupo sentir necessidade, quando a equipe gestora “se propor” a participar de fóruns.
- Sim, proporcionam momentos durante o ano. São muito importantes, pois o professor é um eterno aprendiz e muitas vezes, precisamos nos reciclar, adquirir conhecimentos novos.
- Sim. Uma vez por ano dividindo por vários dias. Com certeza sempre levamos algum melhoramento / conhecimento dessas formações.